

CONVERGÊNCIA

ISSN 0010-8162

Junho 2007 • Ano XLII • Nº 403



- Pastores e fiéis à escuta do Senhor. Episcopado e Igreja do Povo de Deus
- Teologia da encarnação e opção pelos pobres
- Com os pobres, para que todos tenham vida
- Cremos em um Deus fracassado



CRB

Sumário

EDITORIAL	257
PALAVRA DO PAPA	261
INFORME CRB	273
ARTIGOS	281
Pastores e fiéis à escuta do Senhor. Episcopado e Igreja Povo de Deus. ..	281
PAULO CÉSAR BARROS	
Teologia da encarnação e opção pelos pobres	292
VÍCTOR G. FELLER	
Com os pobres, para que todos tenham vida	305
ÉLIO ESTANISLAU GASDA	
Cremos em um Deus fracassado	315
PAULO ROBERTO GOMES	

A ilustração da capa da Convergência de 2007, do artista Anderson S. Pereira, MSC, foi inspirada no livro de Rute, no qual a mulher é protagonista do resgate da vida. A realidade de dor e esperança transpassa o corpo da mulher, símbolo da VRC inserida que vive o mistério de Deus encarnado.



CONVERGÊNCIA

Revista Mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Maris Bolzan, SDS

REDATOR RESPONSÁVEL

Pe. Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

Coordenadora

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial

Ir. Aíla Luiza Pinheiro de Andrade, NJ
Pe. Francisco Taborda, SJ
Pe. Jaldemir Vitorio, SJ
Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar
20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 2240-7299

Fax (21) 2240-4486

E-mail: crb@crbnacional.org.br

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e
Diversões Públicas do PDF
sob o nº P. 209/73

*Os artigos assinados são de responsabilidade
pessoal de seus autores e não refletem
necessariamente o pensamento da CRB
como tal.*

Assinatura

Anual

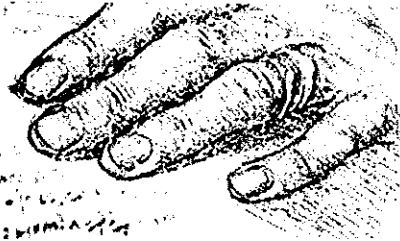
para 2007

Brasil: R\$ 80,00

Exterior: US\$ 80,00 ou o correspondente em R\$ (Reais)

Números avulsos: R\$ 8,00 ou US\$ 8,00

Editorial



O Papa no Brasil

O Papa Bento XVI passou cinco dias no Brasil. Sua visita teve não só relevância eclesial. Produziu uma notável comoção nacional e repercutiu na sociedade civil e na vida do povo. Arrastou milhares de pessoas numa das mais populosas metrópoles do mundo e despertou afeto e simpatia por onde passou. Sua imagem, transmitida pela mídia a quase todos os rincões do País, cativou e suscitou um misto de reverência e euforia, despertou interesse nas várias camadas da população e reacendeu a chama da esperança em muitos corações. Sua palavra e sobre tudo seus gestos calaram na consciência de homens e mulheres – católicos ou não – e ficarão certamente na memória coletiva.

O objetivo primordial da sua visita – como expressou já no seu primeiro discurso – era de ordem religiosa e pastoral. Veio como Pastor desejoso de conhecer a grei e de entrar em contato com sua realidade, suas alegrias, seus anseios, sofrimentos e desesperanças. Veio como evangelizador para espalhar a Boa Nova do Evangelho no continente da esperança e suscitar um renovado entusiasmo missionário na Igreja. Essa preocupação com o Evangelho e com a ação evangelizadora hoje no Brasil e em todo o continente latino-americano é o fio condutor que perpassa transversalmente todos os seus discursos e atitudes. Sem dúvida, o Papa Bento XVI foi em nosso meio uma presença de

Evangelho e um anunciador daquilo que o Evangelho suscita quando se concretiza entre os homens: amor, solidariedade, alegria, concórdia e paz. Não é possível em poucos dias desentranhar a riqueza doutrinária dos seus muitos pronunciamentos. A reflexão e o tempo ajudarão a decantar todo esse caudal de ensinamentos teológico-espirituais e de pedagogia da fé no mundo atual.

Nos vários eventos a que presidiu e nos encontros que manteve com diferentes segmentos da Igreja e da sociedade, o Papa Bento XVI deixou a marca do seu zelo apostólico e da sua incansável solicitude pastoral e abriu perspectivas de longo alcance para a missão da Igreja no País. Na cerimônia de canonização do primeiro santo brasileiro – Santo Antonio de Sant'Ana Galvão – o ideal da santidade cristã foi colocado no horizonte de todos os seguidores de Jesus, como meta a ser perseguida no cotidiano da vida, “na convicção de que não só é possível, como também necessária a santidade, cada qual no seu estado de vida, para revelar ao mundo o verdadeiro rosto de Cristo”.

A juventude foi por ele desafiada a avançar no seu compromisso cristão e a nunca dizer basta, pois a caridade de Deus é infinita e nos pede abrir nossos corações para que neles caibam sempre mais amor e mais compromisso com os irmãos e com “os problemas que envolvem

não só a convivência humana, senão também a efetiva preservação e conservação da natureza, da qual todos fazemos parte". Aos dependentes químicos em recuperação expressou calorosa solidariedade e os convocou a ser evangelizadores: "Vocês devem ser embaixadores da esperança!" E advertiu aos que comercializam a droga: "Deus vai lhes pedir satisfações. A dignidade humana não pode ser espezinhada dessa maneira".

Religiosas e religiosos foram encorajados por ele a não colocar limites à sua doação a Deus e aos irmãos, particularmente os mais necessitados, lembrando que "a vida Religiosa sempre se destacou e teve importante papel na obra da evangelização". Com os Bispos do Brasil compartilhou sua preocupação pelos rumos da evangelização hoje no País. Lembrou que "os pobres são os destinatários privilegiados do evangelho e que um bispo, modelado segundo a imagem do Bom Pastor deve estar particularmente atento a oferecer o divino bálsamo da fé, sem descuidar o pão material".

Na inauguração da V Conferência do Episcopado Latino-americano e caribenho ampliou o horizonte do seu discurso a todo o continente e ao Caribe, lembrando que "esta V Conferência Geral se celebra em continuidade com as outras quatro que a precederam", e apontando novas prioridades. Afirmou que "a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica" e exortou os bispos a serem arautos intrépidos do evangelho na difícil situação dos povos latino-americanos e caribenhos hoje.

Ao regressar a Roma, o Papa carregava certamente no coração a certeza do afeto cordial do povo brasileiro. E deixava um convite dirigido a todos os homens e mulheres de boa vontade a serem construtores de uma nova sociedade.

Convergência deste mês de junho, une-se à ação de graças da Igreja na Brasil por essa

importante visita pontifícia. Os textos publicados querem ser subsídios para a reflexão das comunidades, no seu anseio de serem "discípulas e missionárias de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida".

O artigo de Paulo César Barros, SJ – "Pastores e fiéis à escuta do Senhor. Episcopado e Igreja Povo de Deus" – trata do ministério episcopal no conjunto da Igreja de Cristo, na perspectiva da celebração da V Conferência do Episcopado Latino-americano. O texto é extremamente atual, oportuno e esclarecedor. O autor parte de uma visão retrospectiva da vida da Igreja na América Latina nas últimas décadas, lembrando a importância dessa atitude de fazer memória, como condição de fidelidade ao Senhor. Nessa perspectiva, salienta a necessidade da volta constante às grandes intuições do Concílio Vaticano II, particularmente a percepção da Igreja como sacramento universal de salvação e como povo de Deus, a questão da colegialidade episcopal, o ecumenismo, o *sensum fidelium* e o diálogo com o mundo. Trata em seguida da *nova recepção* daquilo que se conquistou nas anteriores Conferências. Apresenta de forma concisa e clara os grandes eixos de Medellín, Puebla e Santo Domingo, legado que a Igreja latino-americana não pode ignorar se quiser ser fiel a sua tradição mais recente. A Segunda parte do artigo fala de uma dinâmica prospectiva que se espera de Aparecida, salientando que a contribuição maior desse evento eclesial não será precisamente a produção de um texto escrito, mas o compromisso dos Bispos e de todo o povo de Deus com a tarefa da evangelização, num mundo marcado por grandes contradições e conflitos. Referindo-se às religiosas e religiosos, o autor questiona: "Estamos suficientemente convencidos de que, de acordo com uma sã e profícua eclesiologia, devemos mais nos inserir nas comunidades eclesiais, e menos nos sentir no direito de

estarmos alheios a elas? Mais *inserção*, menos *isenção*!”

“Teologia da encarnação e opção pelos pobres”, do Pe. Vitor G. Feller, é um artigo particularmente sugestivo e questionador. Bem elaborado e amplamente documentado, o texto tem como objetivo “mostrar que a teologia da encarnação é o fundamento da opção pelos pobres e excluídos no mundo de hoje”. Na introdução o autor lembra que “o cristianismo surgiu dessa percepção: na pobreza de Jesus de Nazaré e em sua opção pelos pobres, manifestou-se a riqueza do amor salvífico de Deus”. O artigo está estruturado em dois grandes momentos. No primeiro, procede-se a uma análise mais teológica. Faz-se uma reflexão sobre as quênoses de Jesus, isto é, os momentos-ápice de sua vinda e aproximação a nós: a encarnação e, como consequência dela, a cruz, e, como sacramento de ambas, a eucaristia. No dizer do autor, “o conceito teológico-filosófico da encarnação do Filho de Deus ganha contornos histórico-práticos na vida pobre de Jesus de Nazaré e em sua opção pelos pobres. A encarnação se torna práxis histórico-social na opção de Jesus pelos pobres, escolhidos como destinatários de seu ministério evangélico e sujeitos da continuação da sua missão.” Pela quênose da cruz, “Jesus se identifica com todos os sofredores”. A quênose da eucaristia revela que a relação entre eucaristia e opção pelos pobres, entre eucaristia e serviço da caridade em favor dos excluídos da sociedade é uma constante na história do cristianismo”. No segundo eixo, o autor destaca que se, em termos teológicos, a encarnação se concebe como movimento divino para tornar-se homem, em termos históricos e sociais, ela se concebe e se pratica como posicionamento ao lado dos pobres e dos pequenos, o que possibilita a opção por eles e o tê-los como destinatários primeiros do Reino e do evangelho. Nessa perspectiva,

as práticas de Jesus constituem uma crítica e negação dos ídolos que fascinam e subjugam. Concluindo, o autor enfatiza que “o excluído é lugar de concentração da revelação de Deus” e que “enquanto houver um excluído, lá estará o Outro, Deus no pobre, Jesus no irmão. É de lá que vem o apelo à conversão, é para lá que somos atraídos na dinâmica da solidariedade. É na direção do pobre que se encontra o futuro da Igreja”.

Elio Estanislao Gasda, SJ, no seu artigo “Com os pobres para que todos tenham vida”, faz uma interessante análise da situação da pobreza e exclusão na sociedade atual, apontando como causa principal desta situação o modelo econômico que se estende por todo o mundo. Para o autor, a globalização neoliberal não é só consequência natural dos avanços tecnológicos ou de uma estrutura abstrata, sem rosto e sem nome, senão que se mostra cada vez mais como um programa econômico, político e social impulsionado por ideologias e sujeitos bem concretos. Num sistema assim, “o luxo pulula junto à miséria”, como demonstram estatísticas atuais e análises de especialistas. A acumulação financeira acelerada faz crescer a gravidade da situação. Do ponto de vista teológico, diz o autor, “é a cobiça levada ao mais alto grau da idolatria”. O texto mostra ainda que “os pobres são os últimos para o processo de globalização”. O capitalismo sempre produziu muitos pobres e poucos ricos, mas hoje, além de aprofundar esse fosso, gera novas desigualdades. “É cada vez maior o número de áreas regionais e territoriais convertidas em áreas de sombra da nova cidadania do capitalismo global”. Nesse contexto não dar prioridade aos pobres é dar as costas para 80% da humanidade e viciar o discurso sobre o Deus de Jesus Cristo. No final do artigo, o autor convoca a todos a não deixar que se apague a mecha da esperança, e lança um desafio à Vida Religiosa: “Como seguidores de

Jesus não podemos deixar de nos sentir convocados a renovar com maior determinação o compromisso com os pobres e os perdedores desse mundo global”.

“Cremos em um Deus fracassado” – de Paulo Roberto Gomes – é um texto profundamente questionador. O autor parte da constatação do paradoxo que caracteriza a pessoa humana, marcada hoje pelo afã de sucesso, de consumismo, de lucro e ao mesmo tempo frágil, vulnerável, atormentada pela sua própria condição de ser imperfeito e, muitas vezes, pela experiência do vazio existencial. No entender do autor essa situação aponta para outro paradoxo: o de um Deus feito homem, o fracasso como vitória. Nessa perspectiva, o autor propõe uma interessante reflexão de cunho teológico sobre o fracasso, utilizando a inspiradora metáfora da *kénose* de Cristo, desenvolvida em cinco tópicos: a compreensão da *kénose*, a *kénose* como o máximo esvaziamento

e a máxima realização, a *kénose* como desconstrução de uma certa imagem de Deus, a *kénose* e sua relação com fracasso, no fracasso deixar falar a beleza. A idéia central que percorre transversalmente o texto é a da encarnação *kenótica* do Verbo de Deus: “A *Kénose*, enquanto despojamento e esvaziamento dos atributos divinos, nos revela Deus feito homem, marcado pelos conflitos históricos, pelas tramas do poder e sujeito à dor, ao sofrimento e à morte”. Na conclusão o texto lembra que o ser humano será sempre um ser contraditório, vulnerável à experiência do fracasso, da não realização de suas possibilidades e que isto pode ser uma oportunidade de solidariedade com os fracassados da história: “Cremos num Deus fracassado presente em tantos irmãos descartados pela lógica do mercado, não reconhecidos pelos esquemas do sucesso neoliberal, mas como fonte de revelação, apelo e força para sinalizar o mundo novo”.



Palavra do Papa

Palavras do Papa Bento XVI na sessão inaugural da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe

Queridos irmãos no Episcopado, amados sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos. Queridos observadores de outras confissões religiosas:

É motivo de grande alegria estar hoje aqui convosco para inaugurar a V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, que se celebra junto ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil. Quero que minhas primeiras palavras sejam de ação de graças e louvor a Deus pelo grande dom da fé cristã aos povos deste Continente.

1. A fé cristã na América Latina

A fé em Deus tem animado a vida e a cultura destes povos durante mais de cinco séculos. Do encontro dessa fé com as etnias originárias nasceu a rica cultura cristã deste Continente, expressada na arte, na música, na literatura e, sobretudo, nas tradições religiosas e na idiossincrasia de seus povos, unidas por uma mesma história e um mesmo credo, e formando uma grande sintonia na diversidade de culturas e de línguas. Na atualidade esta mesma fé deve enfrentar sérios desafios, pois estão em

jogo o desenvolvimento harmônico da sociedade e da identidade católica de seus povos. A esse respeito, a V Conferência Geral vai refletir sobre esta situação para ajudar os fiéis cristãos a viver sua fé com alegria e coerência, a tomar consciência de ser discípulos e missionários de Cristo, enviados por ele ao mundo para anunciar e dar testemunho de nossa fé e de nosso amor.

Mas o que significou a aceitação da fé cristã para os povos da América Latina e do Caribe? Para eles significou conhecer e acolher Cristo, o Deus desconhecido que seus antepassados, sem o saber, buscavam em suas ricas tradições religiosas. Cristo era o Salvador que ansiavam silenciosamente. Significou também ter recebido, com as águas do batismo, a vida divina que os fez filhos de Deus por adoção; ter recebido, ademais, o Espírito Santo que veio fecundar suas culturas, purificando-as e desenvolvendo os numerosos germens e sementes que o Verbo encarnado tinha colocado nelas, orientando-as assim pelos caminhos do Evangelho. De fato, o anúncio de Jesus e do seu Evangelho não supôs, em nenhum momento, uma alienação das culturas pré-colombianas, nem foi uma imposição de uma cultura estranha. As autênticas

culturas não estão fechadas em si mesmas nem petrificadas num determinado ponto da história, mas estão abertas; ainda mais: buscam o encontro com outras culturas, esperam alcançar a universalidade no encontro e no diálogo com outras formas de vida e com os elementos que possam levar a uma nova síntese, na qual se repete sempre a diversidade das expressões e de sua realização cultural concreta.

Em última instância, só a verdade unifica e sua prova é o amor. Por isso Cristo, sendo realmente o Logos encarnado, "o amor até o extremo", não é alheio a cultura alguma nem a nenhuma pessoa, pelo contrário, a resposta desejada no coração das culturas é o que lhes dá sua identidade última, unindo a humanidade e respeitando, ao mesmo tempo, a riqueza das diversidades, abrindo todos ao crescimento na verdadeira humanização, no autêntico progresso. O Verbo de Deus, fazendo-se carne em Jesus Cristo, se fez também história e cultura.

A utopia de voltar a dar vida às religiões pré-colombianas, separando-as de Cristo e da Igreja universal, não seria um progresso, mas um retrocesso. Na realidade seria uma involução a um momento histórico ancorado no passado.

A sabedoria dos povos originários os levou felizmente a formar uma síntese entre suas culturas e a fé cristã que os missionários lhes ofereciam. Dali nasceu a rica e profunda religiosidade popular, na qual aparece a alma dos povos latino-americanos:

- o amor a Cristo sofredor, o Deus da compaixão, do perdão e da reconciliação; o Deus que nos amou até se entregar por nós;

- o amor ao Senhor presente na Eucaristia, o Deus encarnado, morto e ressuscitado para ser Pão da Vida;
- o Deus próximo aos pobres e aos que sofrem;
- a profunda devoção a Nossa Senhora de Guadalupe, de Aparecida ou das diversas avocações nacionais e locais. Quando a Virgem de Guadalupe apareceu ao índio São João Diego lhe disse estas significativas palavras: "*Não estou eu aqui que sou tua mãe?, não estás sob a minha sombra e amparo?, não sou a fonte da tua alegria?, não estás no aconchego do meu manto, no encontro dos meus braços?*" (Nican Mopohua, n. 118-119).

Esta religiosidade se expressa também na devoção aos santos com suas festas patronais, no amor ao Papa e aos demais Pastores, no amor à Igreja universal como

grande família de Deus que nunca pode nem deve deixar sozinhos ou na miséria seus próprios filhos. Tudo isso forma o grande mosaico da religiosidade popular que é o precioso tesouro da Igreja católica na América Latina, e que ela deve proteger, promover e, naquilo que for necessário, também purificar.

2. Continuidade com as outras Conferências

Esta V Conferência Geral se celebra em continuidade com as outras quatro que a precederam no Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. Com o mesmo espírito que as animou, os Pastores querem dar agora um novo impulso à evangelização, a fim de que estes

A utopia de voltar a dar vida às religiões pré-colombianas, separando-as de Cristo e da Igreja universal, não seria um progresso, mas um retrocesso.

povos continuem crescendo e amadurecendo em sua fé, para ser luz do mundo e testemunhas de Jesus Cristo com a própria vida.

Depois da IV Conferência Geral, em Santo Domingo, muitas coisas mudaram na sociedade. A Igreja, que participa dos gozos e esperanças, das tristezas e alegrias de seus filhos, quer caminhar ao seu lado neste período de tantos desafios, para lhes infundir sempre esperança e consolo (cf. *Gaudium et spes*, 1).

No mundo de hoje se dá o fenômeno da globalização como um emaranhado de relações em nível planetário. Mesmo que em certos aspectos é uma conquista da grande família humana e um sinal de sua profunda aspiração à unidade, contudo traz consigo também o risco dos grandes monopólios e de converter o lucro no valor supremo. Como em todos os campos da atividade humana, a globalização deve se reger também pela ética, colocando tudo ao serviço da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus.

Na América Latina e no Caribe, da mesma forma que em outras regiões, se evoluiu para a democracia, apesar de que há motivos de preocupação diante de formas de governo autoritárias ou sujeitas a certas ideologias que se achava que já estavam superadas, e que não correspondem à visão cristã do homem e da sociedade, como nos ensina a Doutrina Social da Igreja. Por outro lado, a economia liberal de alguns países latino-americanos deve ter presente a equidade, pois continuam aumentando os setores sociais que se encontram ameaçados cada vez mais por uma enorme pobreza ou, inclusive, espoliados dos próprios bens naturais.

Como em todos os campos da atividade humana, a globalização deve se reger também pela ética, colocando tudo ao serviço da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus.

Nas Comunidades eclesiais da América Latina é notável a maturidade na fé de muitos leigos e leigas ativos e comprometidos com o Senhor, junto com a presença de muitos abnegados catequistas, de tantos jovens, de novos movimentos eclesiais e de recentes Institutos de vida consagrada. Demonstram-se fundamentais muitas obras católicas educativas, assistenciais e hospitalares. Percebe-se, contudo, certo enfraquecimento da vida cristã no conjunto da sociedade e da própria pertença à Igreja católica devido ao secularismo, ao hedonismo, ao indiferentismo e ao proselitismo de numerosas seitas, de religiões animistas e de novas expressões pseudo-religiosas.

Tudo isso configura uma situação nova que será analisada aqui, em Aparecida. Diante da nova encruzilhada, os fiéis esperam desta V Conferência uma renovação e revitalização de sua fé em Cristo, nosso único Mestre e Salvador, que nos revelou a experiência única do Amor infinito de Deus Pai aos homens. Desta fonte poderão surgir novos caminhos e projetos pastorais criativos, que infundam uma firme esperança para viver de modo responsável e gozoso a fé e irradiá-la, assim, no próprio ambiente.

3. Discípulos e missionários

Esta Conferência Geral tem como tema: "Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que n'Ele nossos povos tenham vida. – *Eu sou o caminho, a Verdade e a Vida*" (Jo 14,6).

A Igreja tem a grande tarefa de custodiar e alimentar a fé do Povo de Deus, e recordar também aos fiéis deste Continente que, em virtude

de seu batismo, estão chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo. Isto implica em segui-lo, viver em intimidade com Ele, imitar seu exemplo e dar testemunho. Todo batizado recebe de Cristo, como os Apóstolos, o mandato da missão: *"Ide por todo o mundo e proclamai a Boa Nova a toda a criação. Quem crer e for batizado, se salvará"* (Mc 16,15). Pois ser discípulos e missionários de Jesus Cristo e buscar a vida "n'Ele" supõe estar profundamente enraizados n'Ele.

O que Cristo nos dá realmente? Por que queremos ser discípulos de Cristo? Porque esperamos encontrar na comunhão com Ele a vida, a verdadeira vida digna deste nome, e por isso queremos dá-lo a conhecer aos demais, comunicar-lhes o dom que encontramos n'Ele. Mas, isso é mesmo assim? Estamos realmente convencidos de que Cristo é o caminho, a verdade e a vida?

Diante da prioridade da fé em Cristo e da vida "n'Ele", formulada no título desta V Conferência, poderia surgir também outra questão: Esta prioridade, não poderia ser, por acaso, uma fuga em direção ao intimismo, ao individualismo religioso, a um abandono da realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo, e uma fuga da realidade em direção a um mundo espiritual?

Como primeiro passo podemos responder a esta pergunta com outra: o que é esta "realidade"? O que é o real? São realidade só os bens materiais, os problemas sociais, econômicos e políticos? Aqui está precisamente o grande erro das tendências dominantes no último século,

erro destrutivo, como demonstram os resultados tanto dos sistemas marxistas como inclusive dos capitalistas. Falsificam o conceito de realidade com a amputação da realidade fundante e por isso decisiva, que é Deus. Quem exclui Deus de seu horizonte falsifica o conceito de "realidade" e, em consequência, só pode terminar em caminhos equivocados e com receitas destrutivas.

A primeira afirmação fundamental é, portanto, a seguinte: só quem reconhece Deus, conhece a realidade e pode responder a ela de modo adequado e realmente humano. A verdade desta tese resulta evidente diante do fracasso de todos os sistemas que colocam Deus entre parêntese.

Mas surge imediatamente outra pergunta: Quem conhece Deus? Como podemos conhecê-lo? Não podemos entrar aqui num complexo debate sobre esta questão fundamental. Para o cristão, o núcleo da resposta é simples: Só Deus conhece Deus, só seu Filho que é Deus de Deus, Deus

verdadeiro, o conhece. E Ele, *"que está no seio do Pai, o revelou"* (Jo 1,18). Daí a importância única e insubstituível de Cristo para nós, para a humanidade. Se não conhecemos Deus em Cristo e com Cristo, toda a realidade se converte em um enigma indecifrável; não há caminho e, ao não haver caminho, não há vida nem verdade.

Deus é a realidade fundante, não um Deus só pensado ou hipotético, mas o Deus de rosto humano; é o Deus-conosco, o Deus do amor até a cruz. Quando o discípulo chega à compreensão deste amor de Cristo "até o extremo", não pode deixar de responder a este amor se

A Igreja tem a grande tarefa de custodiar e alimentar a fé do Povo de Deus, e recordar também aos fiéis deste Continente que, em virtude de seu batismo, estão chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo.

não é com um amor semelhante: “*Senhor, te seguirei aonde quer que vás*” (Lc 9,57).

Ainda podemos nos fazer outra pergunta: O que nos dá a fé neste Deus? A primeira resposta é: nos dá uma família universal de Deus na Igreja católica. A fé nos liberta do isolamento do eu, porque nos leva à comunhão: o encontro com Deus é, em si mesmo e como tal, encontro com os irmãos, um ato de convocação, de unificação, de responsabilidade em relação ao outro e aos demais. Neste sentido, a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós para nos enriquecer com a sua pobreza (cf. 2Cor 8,9).

Mas antes de enfrentar o que implica o realismo da fé no Deus feito homem, temos que aprofundar na pergunta: como conhecer realmente Cristo para poder segui-lo e viver com Ele, para encontrar a vida n'Ele e para comunicar esta vida aos demais, à sociedade e ao mundo? Sobre tudo, Cristo se dá a conhecer em sua pessoa, em sua vida e em sua doutrina por meio da Palavra de Deus. Ao iniciar a nova etapa que a Igreja missionária da América Latina e do Caribe se dispõe a empreender, a partir desta V Conferência Geral em Aparecida, é condição indispensável o conhecimento profundo da Palavra de Deus.

Por isso, se há de educar o povo na leitura e meditação da Palavra de Deus: que ela se converta em seu alimento para que, por própria experiência, vejam que as palavras de Jesus são espírito e vida (cf. Jo 6,63). Do contrário, como vão anunciar uma mensagem cujo conteúdo e espírito não conhecem a fundo? Temos que fundamentar nosso compromisso missioná-

rio e toda a nossa vida na rocha da Palavra de Deus. Para isso, animo os Pastores a se esforçar em dá-la a conhecer.

Um grande meio para introduzir o Povo de Deus no mistério de Cristo é a catequese. Nela se transmite de forma simples e substancial a mensagem de Cristo. Será conveniente, portanto, intensificar a catequese e a formação na fé, tanto de crianças como de jovens e adultos. A reflexão madura da fé é luz para o caminho da vida e força para ser testemunhas de Cristo. Para isto se dispõe de instrumentos muito valiosos como são o

Um grande meio para introduzir o Povo de Deus no mistério de Cristo é a catequese. Nela se transmite de forma simples e substancial a mensagem de Cristo.

Catecismo da Igreja Católica e sua versão mais breve, o *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*.

Neste campo não se deve limitar só às homilias, conferências, cursos de Bíblia ou teologia, mas se deve recorrer também aos meios de comunicação: imprensa, rádio e televisão, sites da Internet, fóruns e tantos outros sistemas para comunicar eficazmente a mensagem de Cristo a um grande número de pessoas.

Neste esforço por conhecer a mensagem de Cristo e fazê-lo guia da própria vida, se há de recordar que a evangelização vai unida sempre à promoção humana e à autêntica libertação cristã. “*Amor a Deus e amor ao próximo se fundem entre si: no mais humilde encontramos Jesus mesmo e em Jesus encontramos Deus*” (Deus caritas est, 15). Por isso mesmo, será também necessária uma catequese social e uma adequada formação na doutrina social da Igreja, sendo muito útil para isso o “*Compêndio da Doutrina Social da Igreja*”. A vida cristã não se expressa somente nas virtudes pessoais, mas também nas virtudes sociais e políticas.

O discípulo, fundamentado assim na rocha da Palavra de Deus, se sente impulsionado a levar a Boa Nova da salvação a seus irmãos. Discipulado e missão são como as duas caras de uma mesma moeda: quando o discípulo está enamorado de Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que só Ele nos salva (cf. At 4,12). De fato, o discípulo sabe que sem Cristo não há luz, não há esperança, não há amor, não há futuro.

4. "Para que n'Ele tenham vida"

Os povos latino-americanos e caribenhos têm direito a uma vida plena, própria dos filhos de Deus, com umas condições mais humanas: livres das ameaças de fome e de toda forma de violência. Para estes povos, seus Pastores não devem fomentar uma cultura da vida que permita, como dizia meu predecessor Paulo VI, "passar da miséria da posse do necessário, à aquisição da cultura (...) à cooperação no bem comum (...) até o reconhecimento, por parte do homem, dos valores supremos e de Deus, que é a fonte e o fim deles" (*Populorum progressio*, 21).

Neste contexto me é grato recordar a Encíclica "*Populorum progressio*", cujo quadragésimo aniversário recordamos neste ano. Este documento pontifício põe em evidência que o desenvolvimento autêntico há de ser integral, ou seja, orientado à promoção de todo o homem e de todos os homens (cf. n. 14), e convida a todos a suprimir as graves desigualdades

Os povos latino-americanos e caribenhos têm direito a uma vida plena, própria dos filhos de Deus, com umas condições mais humanas: livres das ameaças de fome e de toda forma de violência.

sociais e as enormes diferenças no acesso aos bens. Estes povos desejam, sobretudo, a plenitude de vida que Cristo nos trouxe: "*Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância*" (Jo 10,10). Com esta vida divina se desenvolve também em plenitude a existência humana, em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural.

Para formar o discípulo e sustentar o missionário em sua grande tarefa, a Igreja lhes oferece, além do Pão da Palavra, o Pão da Eucaristia. A esse respeito nos inspira e ilumina a página do Evangelho sobre os discípulos de Emaús. Quando eles se sentam à mesa e recebem de Jesus Cristo o pão abençoado e partido, se abrem os seus olhos, descobrem o rosto do Ressuscitado, sentem em seu coração que é verdade tudo o que Ele disse e fez, e que já iniciou a redenção do mundo. Cada domingo e cada Eucaristia é um encontro pessoal com Cristo. Ao escutar a Palavra divina, o coração arde porque é Ele quem a explica e proclama. Quando na Eucaristia se parte o pão, é Ele que é recebido pessoalmente. A Eucaristia é o alimento indispensável para a vida do discípulo e missionário de Cristo.

A Missa dominical, centro da vida cristã

Daí a necessidade de dar prioridade, nos programas pastorais, à valorização da Missa dominical. Temos que motivar os cristãos a que participem nela ativamente e, se é possível, melhor com a família. A participação dos pais com seus filhos na celebração eucarística dominical é uma pedagogia eficaz para comunicar a

fé e um estreito vínculo que mantém a unidade entre eles. O domingo tem significado, ao longo da história da Igreja, o momento privilegiado do encontro das comunidades com o Senhor ressuscitado.

É necessário que os cristãos experimentem que não seguem a um personagem da história passada, mas ao Cristo vivo, presente no *hoje* e no *agora* de suas vidas. Ele é o Vivente que caminha a nosso lado, nos desvelando o sentido dos acontecimentos, da dor e da morte, da alegria e da festa, entrando em nossas casas e permanecendo nelas, nos alimentando com o Pão que dá a vida. Por isso a celebração dominical da Eucaristia há de ser o centro da vida cristã.

O encontro com Cristo na Eucaristia suscita o compromisso da evangelização e o impulso à solidariedade; desperta no cristão o forte desejo de anunciar o Evangelho e testemunhá-lo na sociedade para que seja mais justa e humana. Da Eucaristia brotou ao longo dos séculos um imenso caudal de caridade, de participação nas dificuldades dos demais, de amor e de justiça. Só da Eucaristia brotará a civilização do amor, que transformará a América Latina e o Caribe para que, além de ser o Continente da Esperança, seja também o Continente do Amor!

Os problemas sociais e políticos

Chegando a este ponto podemos nos perguntar: Como a Igreja pode contribuir para a solução dos urgentes problemas sociais e políticos, e responder ao grande desafio da pobreza e da miséria? Os problemas da América Latina e do Caribe, como também do mundo de hoje,

são múltiplos e complexos, e não se podem enfrentar com programas gerais. Entretanto, a questão fundamental sobre o modo como a Igreja, iluminada pela fé em Cristo, deve reagir diante dos desafios, concerne a todos nós. Neste contexto é inevitável falar do problema das estruturas, sobretudo das que criam injustiça. Na realidade, as estruturas justas são uma condição sem a qual não é possível uma ordem justa

na sociedade. Mas, como nascem? Como funcionam? Tanto o capitalismo como o marxismo prometeram encontrar o caminho para a criação de estruturas justas e afirmaram que estas, uma vez estabelecidas, funcionariam por si mesmas; afirmaram que não só não teriam tido necessidade de uma

moralidade individual precedente, mas que elas fomentariam a moralidade comum. E esta promessa ideológica se demonstrou como falsa. Os fatos evidenciaram isso. O sistema marxista, onde governou, não só deixou uma triste herança de destruições econômicas e ecológicas, mas também uma dolorosa destruição do espírito. E vemos o mesmo também no ocidente, onde cresce constantemente a distância entre pobres e ricos e se produz uma inquietante degradação da dignidade pessoal com a droga, o álcool e as sutis ilusões de felicidade.

As estruturas justas são, como disse, uma condição indispensável para uma sociedade justa, mas não nascem nem funcionam sem um consenso moral da sociedade, sobre os valores fundamentais e sobre a necessidade de viver estes valores com as necessárias renúncias, inclusive em contra do interesse pessoal.

Onde Deus está ausente – o Deus do rosto humano de Jesus Cristo – estes valores não se

É necessário que os cristãos experimentem que não seguem a um personagem da história passada, mas ao Cristo vivo, presente no hoje e no agora de suas vidas.

mostram com toda a sua força, nem se produz um consenso sobre eles. Não quero dizer que os não-crentes não possam viver uma moralidade elevada e exemplar; digo somente que a sociedade em que Deus está ausente não encontra o consenso necessário sobre os valores morais e a força para viver segundo a pauta destes valores, mesmo que contra os próprios interesses.

Por outro lado, as estruturas justas devem ser buscadas e elaboradas à luz dos valores fundamentais, com todo o empenho da razão política, econômica e social. São uma questão da *recta ratio* e não provêm de ideologias nem de suas promessas. Certamente existe um tesouro de experiências políticas e de conhecimento sobre os problemas sociais e econômicos, que evidenciam elementos fundamentais de um estado justo e de caminhos que se devem evitar. Mas em situações culturais e políticas diversas, e na mudança progressiva das tecnologias e da realidade histórica mundial, deve-se buscar, de maneira racional, as respostas adequadas e deve-se criar – com os compromissos indispensáveis – o consenso sobre as estruturas que não de ser estabelecidas.

Este trabalho político não é competência imediata da Igreja. O respeito a uma sadia laicidade – inclusive na pluralidade das posições políticas – é essencial na tradição cristã autêntica. Se a Igreja começasse a se transformar diretamente em sujeito político, não faria mais pelos pobres e pela justiça, mas, pelo contrário, faria menos, porque perderia sua independência e sua autoridade moral, se identificando com uma única via política e com posições parciais questionáveis. A Igreja é

advogada da justiça e dos pobres, precisamente ao não se identificar com os políticos nem com os interesses partidários. Só sendo independente pode ensinar os grandes critérios e os valores perenes, orientar as consciências e oferecer uma opção de vida que vai mais além do âmbito político. Formar as consciências, ser advogada da justiça e da verdade, educar nas virtudes individuais e políticas, é a vocação fundamental da Igreja neste setor. E os leigos católicos devem ser conscientes de sua responsabilidade na vida pública; devem estar presentes na formação dos consensos necessários e na oposição contra as injustiças.

**O respeito a uma sadia
laicidade – inclusive na
pluralidade das posições
políticas – é essencial na
tradição cristã
autêntica.**

As estruturas justas jamais serão completas de modo definitivo; pela constante evolução da história, devem ser sempre renovadas e atualizadas; devem estar animadas sempre por um “*ethos*” político e humano, por cuja presença e eficiência se deve trabalhar sempre. Em outras palavras,

a presença de Deus, a amizade com o Filho de Deus encarnado, a luz da sua Palavra, são sempre condições fundamentais para a presença e eficiência da justiça e do amor em nossas sociedades.

Por se tratar de um Continente de batizados, convém destacar a notável ausência, no âmbito político, comunicativo e universitário, de vozes e iniciativas de líderes católicos de forte personalidade e de vocação abnegada, que sejam coerentes com as convicções éticas e religiosas. Os movimentos eclesiais têm aqui um amplo campo para recordar aos leigos sua responsabilidade e sua missão de levar a luz do Evangelho à vida pública, cultural, econômica e política.

5. Outros campos prioritários

Para levar a cabo a renovação da Igreja a vós confiada nestas terras, gostaria de determe convosco sobre alguns campos que considero prioritários nesta nova etapa.

A família

A família, “patrimônio da humanidade”, constitui um dos tesouros mais importantes dos povos latino-americanos. Ela tem sido e é escola de fé, palestra de valores humanos e cívicos, lugar no qual a vida humana nasce e se acolhe generosa e responsabilmente. Contudo, na atualidade sofre situações adversas provocadas pelo secularismo e o relativismo ético, pelos diversos fluxos migratórios internos e externos, pela pobreza, pela instabilidade social e por legislações civis contrárias ao matrimônio que, ao favorecer os anticoncepcionais e o aborto, ameaçam o futuro dos povos.

Em algumas famílias da América Latina persiste ainda, infelizmente, uma mentalidade machista, ignorando a novidade do cristianismo que reconhece e proclama a igual dignidade e responsabilidade da mulher em relação ao homem.

A família é insubstituível para a serenidade pessoal e para a educação dos filhos.

As mães que querem se dedicar plenamente à educação dos seus filhos e ao serviço da família devem gozar das condições necessárias para isso, e para tal, têm o direito de contar com o apoio do Estado. De fato, o papel da mãe é fundamental para o futuro da sociedade.

O pai, por sua parte, tem o dever de ser verdadeiramente pai, que exerce sua indispensável responsabilidade e colaboração na edu-

cação de seus filhos. Os filhos, para seu crescimento integral, têm o direito de poder contar com o pai e a mãe, para que cuidem deles e os acompanhem rumo à plenitude de sua vida. É necessária, pois, uma pastoral familiar intensa e vigorosa. É indispensável também promover políticas familiares autênticas que respondam aos direitos da família como sujeito social imprescindível. A família forma parte do bem dos povos e da humanidade inteira.

Os primeiros promotores do discipulado e da missão são aqueles que foram chamados «*para estar com Jesus e ser enviados a pregar*» (cf. Mc 3,14), ou seja, os sacerdotes. Eles devem receber de modo preferencial a atenção e o cuidado paterno dos seus Bispos, pois são os primeiros agentes de uma autêntica renovação da vida cristã no povo de Deus. A eles quero dirigir uma palavra de afeto paterno desejando «*que o Senhor seja parte da sua herança e do seu cálice*» (cf. Sl 16,5). Se o sacerdote fizer de Deus o fundamento e o centro de sua vida, então experimentará a alegria e a fecundidade da sua vocação. O sacerdote deve ser antes de tudo

um “homem de Deus” (1Tm 6,11); um homem que conhece a Deus “em primeira mão”, que cultiva uma profunda amizade pessoal com Jesus, que compartilha os “sentimentos de Jesus” (cf. Fl 2,5). Somente assim o sacerdote será capaz de levar

Deus – o Deus encarnado em Jesus Cristo – aos homens, e de ser representante do seu amor. Para cumprir a sua altíssima missão deve possuir uma sólida estrutura espiritual e viver toda a existência animado pela fé, a esperança e a caridade. Tem de ser, como Jesus, um homem que procure, através da oração, o rosto e a vontade de Deus, cultivando igualmente sua preparação cultural e intelectual.

**A família forma
parte do bem dos povos
e da humanidade
inteira.**

Queridos sacerdotes deste Continente e quantos que, como missionários, nele viestes a trabalhar: o Papa acompanha vossa atividade pastoral e deseja que estejam repletos de consolações e de esperança, e reza por vocês.

Religiosos, religiosas e consagrados

Quero dirigir-me também aos religiosos, às religiosas e aos leigos e leigas consagrados. A sociedade latino-americana e caribenha tem necessidade do vosso testemunho: em um mundo que tantas vezes busca, sobretudo, o bem-estar, a riqueza e o prazer como finalidade da vida, e que exalta a liberdade prescindindo da verdade do homem criado por Deus, vocês são testemunhas de que existe outra forma de viver com sentido; lembrem aos vossos irmãos e irmãs que o Reino de Deus chegou; que a justiça e a verdade são possíveis se nos abrimos à presença amorosa de Deus nosso Pai, de Cristo nosso irmão e Senhor, do Espírito Santo nosso Consolador. Com generosidade e até ao heroísmo, continuai trabalhando para que na sociedade reine o amor, a justiça, a bondade, o serviço, a solidariedade conforme o carisma dos vossos fundadores. Abraçai com profunda alegria vossa consagração, que é instrumento de santificação para vós e de redenção para vossos irmãos.

A Igreja da América Latina vos agradece pelo grande trabalho que vindes realizando ao longo dos séculos pelo Evangelho de Cristo a favor de vossos irmãos, principalmente pelos mais pobres e marginalizados. Convido a todos

para que colaborem sempre com os Bispos, trabalhando unidos a eles que são os responsáveis pela pastoral. Exorto-vos também a uma obediência sincera à autoridade da Igreja. Não tenham outro ideal que não seja a santidade conforme os ensinamentos de vossos fundadores.

Os leigos

Nesta hora em que a Igreja deste Continente se entrega plenamente à sua vocação missionária, lembro aos leigos que são também Igreja, assembléia convocada por Cristo para levar seu testemunho ao mundo inteiro. Todos os homens e mulheres batizados devem tomar consciência de que foram configurados com Cristo Sacerdote, Profeta e Pastor, através do sacerdócio comum do Povo de Deus. Devem sentir-se co-responsáveis na

construção da sociedade segundo os critérios do Evangelho, com entusiasmo e audácia, em comunhão com os seus Pastores.

São muitos os fiéis que pertencem a movimentos eclesiais, nos quais podemos ver os sinais da multiforme presença e ação santificadora do Espírito Santo na Igreja e na sociedade atual. Eles são chamados para levar ao mundo o testemu-

nho de Jesus Cristo e ser fermento do amor de Deus na sociedade.

Os Jovens e a pastoral vocacional

Na América Latina a maioria da população está formada por jovens. A este respeito,

A Igreja da América Latina vos agradece pelo grande trabalho que vindes realizando ao longo dos séculos pelo Evangelho de Cristo a favor de vossos irmãos, principalmente pelos mais pobres e marginalizados.

devemos recordar-lhes que sua vocação é ser amigos de Cristo, discípulos, sentinelas do amanhã, como costumava dizer o meu Predecessor João Paulo II. Os jovens não temem o sacrifício, mas, sim, uma vida sem sentido. São sensíveis à chamada de Cristo que os convida a segui-Lo. Podem responder a essa chamada como sacerdotes, como consagrados e consagradas, ou ainda como pais e mães de família, dedicados totalmente a servir aos seus irmãos com todo o seu tempo, sua capacidade de entrega e com a vida inteira. Os jovens encaram a existência como uma constante descoberta, não se limitando às modas e tendências comuns, indo mais além com uma curiosidade radical acerca do sentido da vida, e de Deus Pai-Criador e Deus-Filho Redentor no seio da família humana. Eles devem-se comprometer por uma constante renovação do mundo à luz de Deus. Mais ainda: cabe-lhes a tarefa de opor-se às fáceis ilusões da felicidade imediata e dos paraísos enganosos da droga, do prazer, do álcool, junto com todas as formas de violência.

6. Fica conosco

Os trabalhos desta V Conferência Geral nos levam a fazer nossa a súplica dos discípulos de Emaús: *"Fica conosco, porque entardece e o dia já termina"* (Lc 24,29).

Fica conosco, Senhor, acompanha-nos mesmo que nem sempre tenhamos sabido te reconhecer. Fica conosco, porque em torno a nós vão se fazendo mais densas as sombras, e tu és a luz; em nossos corações se insinua a

desesperança, e tu os fazes arder com a certeza da Páscoa. Estamos cansados do caminho, mas tu nos confortas na fração do pão para anunciar aos nossos irmãos que, em verdade, tu ressuscitaste e que nos deste a missão de ser testemunhas da tua ressurreição.

Fica conosco, Senhor, quando em torno a nossa fé católica surgem as névoas da dúvida, do cansaço ou da dificuldade: tu, que és a Verdade mesma como Revelador do Pai, ilumina nossas mentes com tua Palavra; ajuda-nos a sentir a beleza de crer em ti.

Fica com nossas famílias, ilumina-as em suas dúvidas, sustente-as em suas dificuldades, consola-as em seus sofrimentos e na fadiga de cada dia, quando em torno a elas se acumulam as

sombras que ameaçam sua unidade e sua natureza. Tu que és a Vida, fica em nossos lares, para que continue sendo ninhos onde nasce a vida humana abundante e generosamente, onde se acolha, se ame, se respeite a vida desde a sua concepção até o seu término natural.

Fica, Senhor, com aqueles que em nossas sociedades são mais vulneráveis; fica com os pobres e humildes, com os indígenas e afro-americanos, que nem sempre têm encontrado espaços e apoio para expressar a riqueza de sua cultura e a sabedoria de sua identidade. Fica, Senhor, com nossas crianças e com nossos jovens, que são a esperança e a riqueza de nosso Continente, proteja-os de tantas insídias que atentam contra sua inocência e contra suas legítimas esperanças. Ó, bom Pastor, fica com nossos anciãos e com nossos doentes. Fortalece a todos em sua fé para que sejam teus discípulos e missionários!

Os jovens não temem o sacrifício, mas, sim, uma vida sem sentido. São sensíveis à chamada de Cristo que os convida a segui-Lo.

Conclusão

Ao concluir minha permanência entre vós, desejo invocar a proteção da Mãe de Deus e Mãe da Igreja sobre vossas pessoas e sobre toda América Latina e o Caribe. Imploro de modo especial a Nossa Senhora – sob a avocação de Guadalupe, Padroeira da América, e de

Aparecida, Padroeira do Brasil – que os acompanhe em vosso belo e exigente trabalho pastoral. A ela confio o Povo de Deus nesta etapa do terceiro milênio cristão. A ela peço também que guie os trabalhos e reflexões desta Conferência Geral, e que abençoe com abundantes dons os queridos povos deste Continente.

Informe CRB

1. Reunião do Grupo de Trabalho – GT Ampliado:

VR – Inserção e Novas Formas de Presença Solidária

Com o objetivo de avaliar os passos dados, refletir a situação atual e discernir por onde e como prosseguir no processo de concretização do programa VR-Inserção em Meios Populares e Novos Espaços de Presença Solidária, o GT Ampliado esteve reunido nos dias 26 e 27 de abril de 2007 na sede da CRB Nacional.

Memorizando o processo, revisitamos os projetos realizados: a formação do GT e do GT ampliado, a pesquisa sobre a Inserção da VR hoje e a leitura dos resultados, os múltiplos esforços para uma retomada criativa da inserção. Não se tratou de uma visita formal para computar resultados frios, ao contrário, tratou-se antes de tudo de uma visita calorosa, memória de novos ventos, reacendendo a chama de uma experiência que fascinou uma geração de religiosos e religiosas e abalou estruturas milenares, mas que pouco a pouco ia ficando encoberta pelas cinzas que se acumulavam em tempos de recuos. Tratou-se também de uma visita reflexiva, que procurou distinguir, o quanto possível, por onde passam os sinais de uma recriação da inserção em novos paradigmas, e

por onde se escondem as resistências a um processo de mudança, as acomodações superficiais a antigos modelos e esquemas. Tratou-se sobretudo de uma visita agradecida, que reconheceu a ação de Deus, suscitando e animando todo impulso profético que leva a VR a não perder de vista que o lugar de sua tenda só pode ser no acampamento dos empobrecidos/as e injustiçados/as.

Celebrando a Inserção em movimento, distinguimos alguns de seus sinais de vitalidade e de vulnerabilidade.

Como *sinais de vitalidade* destacamos os seguintes dinamismos:

- O acontecer dos Seminários regionais e inter-regionais.
- Os múltiplos esforços de articulação que visibilizam a chama viva da Inserção em meios populares e em novos espaços de presença solidária.
- O resultado da pesquisa, mostrando que mesmo em meio a ambigüidades e a recuos, o caminho da VR em direção as/os empobrecidos/as é irreversível.

- A emergência de novas parcerias como potencial de uma ação mais solidária e transformadora.
- A rearticulação dos grupos de reflexão nas regionais.

E como *sinais de vulnerabilidade* destacamos alguns aspectos:

- A faixa etária avançada e a reduzida inserção das novas gerações.
- O processo de formação distanciado do mundo dos/as empobrecidos/as, o recuo de muitos Institutos Religiosos para grandes obras.
- Ativismo alienante.
- Linguagem inadequada.
- Práticas funcionais ao sistema.
- Uma espiritualidade enfraquecida e um tanto desencarnada.
- Um certo aprisionamento da VR inserida nas estruturas eclesiais (paróquias), o desafio de integrar neste processo a VR presente em outros espaços e formas de inserção.

Vislumbrando o horizonte da profecia, priorizamos algumas *janelas de ação*. A primeira focaliza a reflexão da Inserção numa perspectiva interdisciplinar. Ensaiando os primeiros passos dessa tarefa foram realizadas oficinas, para produzir reflexões e subsídios a partir de quatro enfoques: o enfoque das Ciências Sociais, o Sócio-ambiental (ecológico), o da Eclesiologia e o Bíblico-teológico. A segunda janela, se abre para a realização de parcerias entre os Institutos Religiosos e com outras instâncias da sociedade. A força profética da VR depende muito de nosso envolvimento e participação nos

A força profética da VR depende muito de nosso envolvimento e participação nos atuais movimentos, que se articulam para construir um novo projeto de sociedade.

atuais movimentos, que se articulam para construir um novo projeto de sociedade. A terceira janela contempla uma *mística encarnada*. Como cristãs, como VRC participamos de caminhos de solidariedade e transformação, movidas e movidos por uma experiência de fé, pela experiência de nos saber animadas e acompanhadas pelo Deus da vida, reconhecendo sua ação amorosa e salvadora em todos os processos históricos, criadores de justiça e irmandade no mundo.

Por fim, inspiradas na fala do Pe. Alfredinho, pronunciada no seminário de conclusão da IV Semana Social, preparamos uma reflexão para a XXI AGE. Revisitamos o caminho do resgate criativo da Inserção, catando *palavras-sementes*, portadoras de impulsos recriadores e *janelas de ação* que se abrem a diversas faces de um mesmo projeto de uma VR, mais solidária, inclusiva, mística e profética.

Como *palavras-sementes* emergiram: *gestação / novo nascimento / participação / novo impulso / sopro sobre as cinzas / mutirão / articulação / profecia / romper fronteiras / novos espaços / parcerias / cidadania ativa / esperança / utopia / processo inacabado / caminhos em construção*. E como *janelas de ação*: a continuidade do GT / o projeto interdisciplinar de elaboração de subsídios / convocar as congregações a repensar e reassumir o processo formativo na inserção / a visibilidade profética pelo

testemunho, presença e ação transformadora / fazer com que nossa solidariedade ultrapasse a filantropia / ocupar mais os espaços de luta por políticas públicas / comprometer-se com a erradicação do tráfico de seres humanos...

A experiência vivida no processo do GT tem sido para cada participante, espaço de partilha e de reafirmação de caminhos e sonhos, de inquietude que relança e encoraja. Nas diferenças, somamos, construindo em mutirão. Renovados/as na esperança tomamos nova consciência da fascinante e árdua responsabi-

lidade de soprar as cinzas que se acumularam com o tempo para reacender a chama da utopia, que lateja em nossos corações e em todos os espaços da história, habitados pelo Espírito.

Ir. Gloria Josefina Viero – SMR,
P/ GT Ampliado

2. DECLARAÇÃO

Fraternidade e Amazônia Vida e Missão neste chão

A Amazônia, nestes últimos anos, tem despertado muito interesse em todas as partes do mundo, pois além de suas riquezas naturais, da sua sócio-biodiversidade, por ser um dos maiores reservatórios de água doce do mundo, existe uma grande preocupação com a preservação e o cuidado desses tesouros de dimensões planetárias.

A Igreja não poderia ficar de fora do debate que essas preocupações provocam, pois ali também está o maior tesouro, foco principal das preocupações pastorais da Igreja, que é o amazônida, na sua diversidade sócio-cultural e religiosa.

O episcopado brasileiro, reunido em Assembleia, em Itaici, por sua missão evangelizadora, tem os olhos voltados para a Amazônia, acompanhando os passos que a Igreja vem dando na região há muito tempo, sobretudo nos últimos anos, em que ela se sente desafiada pelas contínuas investidas contra a obra do Criador naquela região e pelas agressões à dignidade e aos direitos humanos de tantos filhos e filhas de Deus.

Há muito tempo os bispos dos regionais existentes na Amazônia expressam nas múltiplas iniciativas comuns e no cuidado pastoral a colegialidade eclesial. Como gesto concreto de co-responsabilidade de toda a Igreja no Brasil em relação às Igrejas na Amazônia, a CNBB criou em 1972 o projeto "Igrejas-Irmãs" que tem favorecido o intercâmbio e a ajuda mútua entre dioceses e prelazias. Para articular melhor e favorecer mais ainda a solidariedade da Igreja de todo o Brasil para com a Igreja que está

naquele chão, a CNBB criou em 2002 a Comissão Episcopal para a Amazônia (CEA).

Vários passos já foram dados:

- a divulgação em nível nacional do projeto com os programas a serem implementados;
- a criação de comissões regionais para favorecer o intercâmbio;
- o envio de missionárias e missionários, não só religiosos e religiosas mas também leigos e leigas para a região.

Estas iniciativas denotam que o processo se realiza como um grande MUTIRÃO pela e com a Amazônia, acolhendo o apelo do saudoso Papa Paulo VI: "Cristo aponta para a Amazônia".

CF e Amazônia

A Campanha da Fraternidade, promovida pela Igreja e proposta para toda a sociedade brasileira, interpelou a própria Igreja chamando-a a assumir com maior responsabilidade sua presença na Amazônia. A CF/2007 convidou o Brasil inteiro a descobrir a Amazônia e conhecê-la melhor com a riqueza que ela representa para o Brasil e para o mundo. Interpelou ainda a sociedade para instaurar uma ética e uma espiritualidade que gerem novas atitudes existenciais de convivência e relação harmoniosa com o universo, assumindo com toda a responsabilidade a missão de cuidar, zelar, defender e amar a criação como obra e dádiva divinas. Cuidar desse berço de vida exige de todos os brasileiros o compromisso de multiplicar

instâncias de socialização e debates sobre a região que devem ser promovidos sobretudo pelas universidades, escolas, associações, sindicatos, ONGs e movimentos sociais. Importa pressionar, sobretudo, os políticos, deputados federais e senadores para que cumpram o disposto no art. 51 das disposições transitórias da Constituição Brasileira¹.

A CF sobre a Amazônia chamou a atenção de todo o Brasil. A previsão de alguns de que a campanha não iria decolar fora da própria Amazônia foi desmentida pela participação maciça nos eventos em todos os quadrantes do País. Almeja-se agora que o tema Amazônia continue em pauta e a campanha tenha sido apenas o ponto de partida para a conscientização e sensibilização da Igreja e da sociedade brasileira toda em relação a esta região maravilhosa que Deus criou como lar para tantos povos, hoje, infelizmente, tão ameaçada de destruição e morte, assim como os demais biomas brasileiros: a caatinga, o cerrado, o pantanal, a mata atlântica e o pampa.

Ao defendermos a Amazônia, estamos, sem dúvida, defendendo também os demais biomas do Brasil.

Amazônia brasileira e Pan-Amazônia

Os países que constituem a Amazônia Continental: Brasil, Bolívia, Colômbia, Peru, Equador, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname enfrentam desafios semelhantes e sofrem as mesmas pressões internacionais. Urge assim discutir toda esta problemática no âmbito

da Pan-Amazônia para catalisar forças e encontrar saídas comuns para os países de fronteira, visando o atendimento comum da população ao longo das fronteiras, especialmente os povos indígenas e população ribeirinha. A colaboração entre os países da Pan-Amazônia

e iniciativas comuns para superar os problemas comuns chamaria a atenção do mundo para o conjunto da Amazônia, ameaçada pela cobiça internacional.

Amazônia e visão planetária

O relatório do Painel Intergovernamental das Mudanças Climáticas (IPCC), que envolveu 2.500

**Ao defendermos a
Amazônia, estamos,
sem dúvida, defendendo
também os demais
biomas do Brasil.**

¹ Art. 51. Serão revistos pelo Congresso Nacional, através de Comissão mista, nos três anos a contar da data da promulgação da Constituição, todas as doações, vendas e concessões de terras públicas com área superior a três mil hectares, realizadas no período de 1º de janeiro de 1962 a 31 de dezembro de 1987. § 1º - No tocante às vendas, a revisão será feita com base exclusivamente no critério de legalidade da operação. § 2º - No caso de concessões e doações, a revisão obedecerá aos critérios de legalidade e de conveniência do interesse público. § 3º - Nas hipóteses previstas nos parágrafos anteriores, comprovada a ilegalidade, ou havendo interesse público, as terras reverterão ao patrimônio da União, dos Estados, do Distrito Federal ou dos Municípios.

cientistas de 130 países, revelou dois dados estaremcedores:

- a) o aquecimento global é irreversível e já estamos dentro dele; a Terra busca um novo equilíbrio;
- b) o aquecimento é um fenômeno natural mas que após a revolução industrial foi enormemente acelerado pelas atividades humanas a ponto de a Terra não conseguir mais auto-regular-se. Prevêem-se inundações de cidades litorâneas, devastação da biodiversidade e milhões de pessoas correm risco de desaparecerem. Como não podemos parar a rota do aquecimento, podemos, pelo menos, desacelerá-la, mudando de paradigma.

O tema da Amazônia foi e continua sendo muito oportuno, pela importância que possui, no contexto brasileiro e mundial. Apesar de a CF-2007 ter assumido um tema regional, ele aponta para problemas que ultrapassam as fronteiras geográficas. Na aposta pela rearborização de todo o planeta, reduzindo a utilização dos bens naturais e reutilizando todos os recursos, entra a questão fundamental, que é a preservação da Amazônia.

A natureza é obra de Deus

O primeiro artigo que professamos no Símbolo apostólico é que Deus é Pai e o Criador do céu e da terra. Em sua Exortação pós-sinodal

² Ef 1,10.

³ Col 1,16.

⁴ Sacramentum Caritatis, 92.

“Sacramentum Caritatis” o Papa Bento XVI relaciona o cuidado pela criação com a Eucaristia, insistindo no desígnio amoroso de Deus que, em Jesus Cristo, recapitulou todas as coisas². Tudo, de fato, foi criado “em vista dele”³.

“As condições ecológicas em que a criação subjaz em muitas partes do mundo suscitam preocupações, que encontram motivo de conforto na perspectiva da esperança cristã, pois esta compromete-nos a trabalhar responsabilmente na defesa da criação; de fato, na relação entre a Eucaristia e o universo, descobrimos a unidade do desígnio de Deus e somos levados a individuar a relação profunda da criação com a “nova criação” que foi inaugurada na ressurreição de Cristo, novo Adão”⁴.

A história do episcopado brasileiro registra denúncias feitas pelos bispos da Amazônia em relação às situações de ameaças à vida, entre as quais os fatores que provocam a destruição da natureza, os grandes projetos dos gasodutos e das hidrelétricas, o contínuo latifúndio, as queimadas, o desflorestamento, o avanço da pecuária e do agrogonégócio, provocando a des-

truição das florestas tropicais, a ameaça aos recursos genéticos pela biopirataria, particularmente junto às comunidades tradicionais da região, as invasões de terras indígenas e a exploração econômica das riquezas naturais do solo e subsolo; o precário funcionamento e o descuido dos organismos oficiais de proteção aos Povos Indígenas e povos sem contato, o

**Na aposta pela
rearborização de todo o
planeta, reduzindo a
utilização dos bens
naturais e reutilizando
todos os recursos, entra
a questão fundamental,
que é a preservação da
Amazônia.**

narcotráfico, a prostituição infantil e de adolescentes, o trabalho escravo, a violência no campo e na cidade e a convivência de autoridades a toda situação de injustiça e corrupção.

A Igreja na Amazônia historicamente tem assumido o compromisso na defesa da vida, da justiça e da paz para os povos dessa região. Ainda hoje, assistimos com apreensão e grande preocupação as ameaças feitas aos nossos líderes da Igreja da Amazônia, sobretudo ao Dom Erwin Krautler, Dom Antônio Possamai e Dom Geraldo Verdier, como também aos padres, religiosas e religiosos, leigos e leigas, com data marcada para morrer.

A vida de Ir. Dorothy Stang, sacrificada no dia 12 de fevereiro de 2005, não foi suficiente para dirimir a ganância daqueles que querem tudo e conseguem se sobrepor às leis e às autoridades.

O episcopado brasileiro registra o pedido às autoridades competentes para que atentem ao consórcio do crime formado por madeireiros, fazendeiros e sojeiros e outros, a fim de que ao povo amazônida e aos nossos líderes seja garantida a segurança, a tranqüilidade e a paz.

E o Mutirão deve continuar...

O Mutirão deve continuar. A Igreja está presente na Amazônia desde o século XVII e, cumprindo sua missão evangelizadora, sempre enfrentou grandes desafios e continua a fazê-lo até hoje:

- grandes distâncias entre vilas, povoados, aldeias, cidades, estradas, vicinais,

O Mutirão deve continuar. A Igreja está presente na Amazônia desde o século XVII e, cumprindo sua missão evangelizadora, sempre enfrentou grandes desafios e continua a fazê-lo até hoje.

rios, igarapés, onde vive o povo. É uma "região-continente", onde o acesso é difícil, lento ou deficiente, apesar de toda modernidade;

- os meios de transporte e comunicação que a Igreja possui são limitados para uma atuação eficaz;
- os quadros da Igreja (padres, religiosos/as, agentes de pastoral, catequistas) são insuficientes e há dificuldade para a renovação dos mesmos. É muito alto o custo de manutenção das casas de formação dos sacerdotes nos grandes centros (Belém, Manaus, Porto Velho, Rio Branco e Santarém). Também a formação de leigos e leigas é muito custosa;
- os recursos financeiros são parcos, pela pobreza do povo católico, sobretudo nas regiões onde há maior necessidade de meios, pessoal, infra-estrutura e transporte;
- em geral, as ajudas de fora - de dioceses ou paróquias, das instituições ou agências - só subsidiam alguns projetos ou iniciativas, porém com tempo limitado; acabando o recurso, acaba o projeto ou a missão. A carência de recursos humanos e financeiros dificulta grandemente a ação evangelizadora da Igreja na Amazônia.

A Amazônia é hoje cobijada pelo mundo todo, e isto a torna vulnerável. A existência de incalculáveis riquezas naturais tem atraído para a região todo tipo de gente, desde os aventureiros de sempre, que querem enriquecer de forma ilegal, abusiva e desrespeitosa em curto tempo e depois vão embora, até famílias que

sonham com melhores condições de vida e procuram um pedaço de chão onde podem plantar e colher para sobreviver. Os conflitos de terra estão na ordem do dia, a intensa migração continua a inchar cidades e povoados, a violência ceifa vidas e gera um clima de insegurança para a população, políticas públicas que propiciem a mínima infraestrutura para uma vida digna freqüentemente não passam de promessas e custam a ser implementadas.

A ação evangelizadora e pastoral de nossa Igreja está sendo desafiada por grandes massas carentes de tudo, afastadas das comunidades eclesiais e paróquias e desprovidas de cidadania. O povo está ávido de evangelização, faminto do Pão Eucarístico, sedento da Palavra da Vida. A Igreja na Amazônia enfrenta muita dificuldade na sua vontade de saciar a fome e a sede de todos! Outros se aproveitam das lacunas e atraem as ovelhas para seus apriscos. Muitas vezes é a realidade social e pessoal fragmentada que leva as pessoas a procurarem novos grupos religiosos.

Mesmo assim a Igreja está marcando sua presença de modo original, criativo e inculturado. É grande a vitalidade da Igreja na Amazônia! Mas, respeitando a autonomia da caminhada eclesial na região, a Igreja na Amazônia precisa de uma colaboração sistemática, constante, e permanente e da solidariedade da Igreja

toda no Brasil e no mundo para poder cumprir sua missão evangelizadora e ação pastoral e sustentar seus projetos de formação de seminaristas e de agentes de pastoral.

A partir do final da década de 70, muitas das antigas Prelazias foram elevadas à categoria de "diocese", mas a Amazônia continua "Terra de Missão"! Somos hoje interpelados pela missão além fronteiras dentro do próprio país. Na era da globalização, nossa Igreja, mais do que nunca, deve contribuir para criar uma autêntica cultura globalizada da solidariedade⁵ Chegou a hora de uma grande ação solidária de toda a Igreja no Brasil e do mundo para a evangelização e a defesa da vida na Amazônia.

Itaici, 1 a 9 de maio de 2007

Cardeal Geraldo Majella Agnelo

Arcebispo de São Salvador da Bahia

Presidente da CNBB

Dom Antônio Celso de Queirós

Bispo de Catanduva

Vice-Presidente da CNBB

Dom Odilo Pedro Scherer

Arcebispo de São Paulo

Secretário-Geral da CNBB

⁵ Exortação Pos-sinodal Ecclesia in America, 55.

Pastores e fiéis à escuta do Senhor Episcopado e Igreja Povo de Deus

PAULO CÉSAR BARROS

É preocupante o fato de que, em nossas comunidades eclesiais em geral, há um quase total desconhecimento de que ocorreu, em maio deste ano, em Aparecida, a V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe. A vinda do Papa Bento XVI para a abertura da Conferência atraiu de tal modo a atenção das pessoas, que não se sabe que ocorreu aqui uma reunião de bispos. O que as pessoas sabem é que o Papa veio ao Brasil...

Não há, nas comunidades eclesiais, suficiente consciência do que seja o ministério episcopal, muito menos a colegialidade, valor que lhe é intrínseco. Os bispos são vistos, até por católicos "esclarecidos", como meros "chefes religiosos" em suas respectivas dioceses, sem que se saiba que entre eles há vínculos constituídos no ato mesmo da ordenação episcopal, uma vez que, neste ato, são eles inseridos no colégio episcopal. Quiçá a falta de uma mais esclarecida consciência de que a Igreja é comunhão explique, em parte, a falta de uma percepção comum do caráter colegial do episcopado, o que, sem dúvida, seria benéfico para as nossas comunidades eclesiais em geral.

Neste artigo, discutiremos o ministério episcopal no conjunto da Igreja de Cristo, com enfoque na recém-concluída Conferência de Aparecida.

I. Dinâmica retrospectiva

1. *Volta às grandes intuições eclesiológicas do Vaticano II (1962-1965)*

A Igreja se alimenta da contínua atitude de fazer memória do Senhor Jesus, sem que isto se confunda com a mera nostalgia de tempos passados. Ela é a comunidade daqueles que se sustentam com a memória do Senhor, vencedor da morte, do mal e do pecado. A propósito disto, mencionemos a eucaristia, sacramento mediante o qual a Igreja reconhece a presença viva do Senhor como aquele que está no meio dela, é o seu centro. Não por acaso, na celebração eucarística, são repetidas as palavras do Senhor: "Fazei isto em memória de mim".

Ora, no amplo conjunto de ministérios que compõem o conjunto da Igreja, existe aquele dos bispos, aos quais compete exercer - entre

diversas e graves atribuições – o “ministério da memória”, vale dizer, o exercício de ininterrupta e perseverantemente chamar o Povo de Deus a ser fiel às suas raízes, o que se faz como atitude de contínua atenção ao que o Espírito Santo diz à Igreja (cf. Ap 2,7.11.17.29; 3,6.13.22). A recorrência deste refrão nos capítulos segundo e terceiro do livro do Apocalipse não se mostra como um insistente chamado à Igreja para que seja “comunidade de memória” na docilidade ao Espírito de Cristo? Obviamente, uma reunião de bispos não pode deixar de lado esta dinâmica tipicamente eclesial: voltar ao passado e reler a tradição. Além de eclesial, tal dinâmica é tipicamente espiritual: esta leitura se faz obrigatoriamente no Espírito de Cristo. Com efeito, assim diz o Senhor: “o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” (Jo 14,26). Não por acaso os bispos são chamados de “sucessores dos Apóstolos”. Muito mais do que uma honraria, este título significa que se atribui aos nossos pastores a séria responsabilidade de fazer com que a Igreja persevere no ensinamento recebido de Cristo pelos Apóstolos e confiado por eles à Igreja então nascente (cf. At 2,42).

Quando se fala em volta às grandes intuições eclesiológicas do Vaticano II, propõe-se exercitar o que em eclesiologia chamamos de *recepção* de um concílio. Nenhum concílio – quer da Igreja antiga, quer da Igreja dos tempos posteriores – foi recebido tranqüila e imediatamente por bispos, sacerdotes e fiéis. Basta mencionar o primeiro concílio ecumênico (Nicéia, no ano de 325), cuja doutrina foi assimilada

pela Igreja no decurso de muitas décadas. Ora, um concílio com farta documentação como foi o Vaticano II, tendo buscado no tesouro da tradição eclesial diversos dados e conceitos há muito esquecidos, tendo feito propostas inovadoras, não pode ser recebido pela Igreja num tempo relativamente curto. Quarenta e poucos anos são quase nada, em se tratando da recepção de um sínodo ecumênico, sobretudo de um concílio de larga envergadura como foi o Vaticano II. Ora, o esforço em vista de uma nova recepção do Concílio insere-se na

dinâmica normal da Igreja: neste particular, frustrações e desânimos devem dar lugar à esperança e à paciência por parte de todos, pastores e fiéis.

É justo que tenhamos esperado dos bispos-delegados, reunidos em Aparecida no último mês de maio, o exercício de reler a tradição eclesial consignada no Con-

Quando se fala em volta às grandes intuições eclesiológicas do Vaticano II, propõe-se exercitar o que em eclesiologia chamamos de *recepção* de um concílio.

cílio Vaticano II: a farta documentação eclesiológica deste sínodo – em especial a *Lumen gentium* – consiste numa bela síntese de eclesiologia, com resgate de notável conteúdo da doutrina eclesiológica dos Padres da Igreja. Trata-se aqui de recolher o magistério do Vaticano II, que, nas suas preocupações em torno à eclesiologia, trouxe à luz do dia uma série de valores eclesiais (e eclesiológicos) que estavam como que soterrados pelo suceder dos séculos, a saber: (a) o caráter sacramental da Igreja, isto é, a Igreja não se confunde com o Reino de Deus, mas é sinal eficaz de sua presença, (b) a Igreja entendida como Povo de Deus, (c) a colegialidade episcopal, (d) a afirmação da perpétua unidade da Igreja, apesar das divisões históricas do corpo eclesial de Cristo provocadas pelos pecados de seus membros, (e)

a afirmação do *sensus fidei*, (f) a abertura ao diálogo com o mundo.

1.1. Igreja sacramento universal de salvação

O Concílio Vaticano II evocou o conceito tradicional de *sacramento* para “definir” a Igreja. Ora, sacramento é sinal que aponta para uma realidade que lhe transcende, é fragmento que remete ao todo. Esta redescoberta já diz muito por si mesma, na medida em que a Igreja não mais se vê centrada em si; ela encontra sua razão de ser em outra realidade, a saber, o Reino de Deus manifestado plena e definitivamente em Jesus Cristo (recorde-se aqui a bela expressão de Orígenes – *Auto-basiléia* – em referência a Jesus como manifestação, em sua pessoa, do Reino de Deus). Não por acaso inicia-se a Constituição Dogmática sobre a Igreja, *Lumen gentium*, com as seguintes palavras: “Porquanto seja Cristo a luz dos povos...” (“*Lumen gentium cum sit Christus...*”). A Igreja não se confunde com o Reino de Deus na terra. Ela se põe a serviço dele. É sacramento seu: ela anuncia a mulheres e homens que o Reino de Deus já irrompeu neste mundo, e convida todos ao arrependimento e à adesão à boa nova do Cristo (cf. Mc

1,15). Com propriedade, esta mudança radical de perspectiva foi chamada de “revolução copernicana”, aludindo-se ao modelo astronômico que não mais situa a terra no centro do universo: a Igreja não se vê mais situada no centro, mas descentrada e referida ao Reino de Deus. É a supressão inequívoca e benéfica do que ficou conhecido por *eclesiocentrismo*.

1.2. Igreja Povo de Deus

A categoria Povo de Deus foi escolhida pelo Concílio para descrever a Igreja, no que diz respeito tanto a sua organização interna quanto a sua missão de ser sinal de Cristo entre os homens. Ou seja, a Igreja é o novo Povo de Deus – herdeira das promessas divinas feitas ao Povo da antiga aliança – e tem a missão de peregrinar por este mundo, anunciando as maravilhas que Deus continuamente opera em favor de todos os homens. Tal categoria foi preferida à categoria Corpo de Cristo por vários motivos, entre os quais destacamos os seguintes: (a) o seu evidente caráter de dinamicidade, (b) a facilidade de abertura que propicia aos diálogos ecumênico e inter-religioso, (c) a vantagem de se explicitar a vocação escatológica da Igreja: ela peregrina neste mundo em busca de sua consumação, até que “Deus seja tudo em todos” (1Cor 15,28).

A categoria Povo de Deus foi escolhida pelo Concílio para descrever a Igreja, no que diz respeito tanto a sua organização interna quanto a sua missão de ser sinal de Cristo entre os homens.

O Povo de Deus não tem a pretensão de fazer aumentar progressivamente o número de seus membros, de modo a tender a um como que açambarcamento de toda a humanidade. Ora, exatamente em razão de seu caráter sacramental, a Igreja aponta para o universal desígnio salvífico de Deus (cf. 1Tm 2,4; 4,10), mas não pretende que a

salvação seja privilégio dos que a ela pertencem. Desta forma, a sua vocação de “pequeno resto de Israel” (cf. Jr 42,15; 44,12) ou de “pequeno rebanho” (cf. Lc 12,32) reafirma a sua marca sacramental: povo reunido pelo Pastor escatológico (cf. Ez 34,23s; 1Pd 2,25) para o serviço da salvação de toda a humanidade. É importante considerar aqui a chamada “teologia

da eleição”, a saber: para salvar *a todos*, Deus escolhe *um povo*, não para ser o beneficiário único e exclusivo de suas bênçãos, mas para anunciar que a salvação é oferecida a todos.

1.3. *O Episcopado e a colegialidade episcopal*

Este Povo é organizado: a Igreja não é um mero “amontoado” de pessoas, que exercem ministérios e funções de modo aleatório. Assim sendo, entre os diversos ministérios eclesiais há aquele do episcopado, ao qual já aludimos acima, quando falávamos da Igreja como “comunidade de memória”. É indispensável que haja, na estrutura do corpo eclesial, uma “hierarquia”, entendendo-se todavia este vocábulo no seu sentido etimológico: é necessário que haja um ministério que faça recordar que o princípio (ou a origem) da Igreja é sagrado (*hierós – arkhé*), a saber, a própria Trindade santíssima. A Igreja não é – e nem pode ser – uma “democracia”, pelo simples fato de que a origem de sua força e o sustento de sua missão não estão no povo, mas no próprio Deus. Esclarece-se que tal condição não faculta à Igreja estar fechada às conquistas da sociedade democrática, e mesmo deixar de assimilar, com prudência e discernimento, mecanismos de participação democrática em suas instâncias de governo.

Recorde-se, aliás, que havia na Igreja dos primeiros séculos intensa participação dos leigos nos processos de eleição dos bispos das respectivas dioceses. E mais: em numerosos casos, avanços democráticos em diversos países

foram possíveis graças ao testemunho dos valores cristãos por parte de membros da Igreja, pastores e fiéis. Ao modo de exemplo, tenha-se presente o recente processo de redemocratização do Brasil: pelo testemunho corajoso de bispos, sacerdotes, religiosos/as e leigos/as, a Igreja em nosso País teve participação significativa no desmascaramento e na derrocada da ditadura militar instalada em 1964.

O ministério hierárquico, ou episcopal, se desdobra em três *múnus* ou funções específicas: governo, ensino e santificação. O exercício destas três funções – harmônicas e complementares – remete a Igreja ao próprio Deus. Neste sentido, no amplo contexto da Igreja-sacramento, também o episcopado tem caráter sacramental: ele aponta para a realidade de que a Igreja é o rebanho do Senhor (cf. Jo 21,15-17: “Simão, ... apascenta os *meus* cordeiros/*minhas* ovelhas”) e apascentado por Ele

(por ex., cf. Jo 10,11), é instruída por Ele mediante a proclamação da Palavra (por ex., cf. Jo 6,45; Is 54,13) e é por Ele santificada através da administração dos sacramentos (por ex., cf. Jo 6,32).

Nunca é demais recordar que o episcopado está a serviço da comunhão eclesial. Aliás, não por mero acaso, na organização temática da *Lumen gentium*, o capítulo sobre a constituição hierárquica da Igreja sucede imediatamente àquele sobre a

Igreja Povo de Deus. Demonstra-se assim que os Padres conciliares no Vaticano II estavam cônscios da necessidade de se explicitar o ministério episcopal como serviço à Igreja Povo de Deus. Ora, não há episcopado sem Povo de

O ministério hierárquico, ou episcopal, se desdobra em três *múnus* ou funções específicas: governo, ensino e santificação. O exercício destas três funções – harmônicas e complementares – remete a Igreja ao próprio Deus.

Deus; e aqueles que são chamados ao ministério episcopal são tirados do meio do Povo de Deus, sem deixar de ser membros dele. A propósito, recorde-se aqui a lapidar frase do Agostinho pregador: "Para vós, sou bispo; convosco, sou cristão. Aquele é o nome de um cargo assumido; este, o de uma graça. Aquele é o nome de um perigo; este, de salvação" (*Sermones* 340,1: PL 38, 1483).

Dizer comunhão é dizer comunicação. Antes de tudo espera-se dos bispos que permanentemente se empenhem para que um clima de confiança e diálogo reine no seio das comunidades eclesiais, de tal modo que a Igreja seja lugar de comum e atenta escuta do Espírito Santo em vista do discernimento de sua missão. Só na docilidade ao Espírito que renova a face da terra (cf. Sl 104,30) pode a Igreja encontrar novos caminhos no cumprimento de sua missão de anunciadora do evangelho. E em que consistiria esta renovação? Obviamente, não se trataria da proposição de "doutrinas várias e estranhas" (Hb 13,9), mas de maneiras novas – compreensíveis ao homem contemporâneo – de viver e anunciar a eterna novidade de Deus, "beleza tão antiga e tão nova" (SANTO AGOSTINHO, *Conf. X,27,28*).

1.4. Ecumenismo

O Concílio Vaticano II realizou-se no contexto de um benéfico e animador espírito ecumênico. Isto transparece não somente no decreto conciliar sobre o ecumenismo, *Unitatis*

redintegratio, mas em praticamente todos os textos conciliares. Por exemplo: a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a divina revelação, não teria adquirido qualidade e importância sem o concurso de peritos e Padres conciliares imbuídos de espírito ecumênico, fato que se mostrou emblemático na participação, em sua elaboração, de membros do então chamado Secretariado para a Unidade dos Cristãos.

Ao tempo do Concílio Vaticano II, quando então se respirava uma providencial atmosfera ecumênica, não era mais necessário descrever a Igreja de Cristo como algo muito bem definido, institucionalmente visível, ao modo da

definição do cardeal Roberto Bellarmino ao tempo do Concílio de Trento (1545-1563). Segundo Bellarmino, "a Igreja é uma reunião de homens tão visível e palpável quanto a assembléia do povo romano ou do reino da França ou da república de Veneza"¹. E mais: O Vaticano II reconhece que a Igreja de Cristo não se

Ora, não há episcopado sem Povo de Deus; e aqueles que são chamados ao ministério episcopal são tirados do meio do Povo de Deus, sem deixar de ser membros dele.

confunde com a Igreja católica: isto é, a Igreja de Cristo *subsiste* na Igreja católica romana (cf. LG 8). Enraizada e fundada no mistério do Deus trinitário, devendo ser sinal eficaz, ou seja, sacramento do amor que é a própria Trindade santíssima, a Igreja (de Cristo) se vê chamada a ser unidade na diversidade, a ser comunhão de diferentes. Em se tratando da Igreja, o ecumenismo, portanto, não é algo opcional: a sensibilidade ecumênica não pode faltar a quem tenha entendido que a Igreja é essencialmente una.

¹ Citado em B. SESCOÛÉ (org.), *Os sinais da salvação*, São Paulo: Loyola, 2005, p. 395. (Col. História dos Dogmas, 3).

O ecumenismo, hoje, não está nos seus melhores dias. Há uma série de obstáculos que dificultam o seu progresso. Faz-se necessário resgatar, com decisão e empenho, este espírito que marcou o tom de abertura ecumênica do Vaticano II e permeou praticamente todos os documentos do Concílio. Quanto ao ecumenismo, quiçá estejamos vivendo o “tempo de arrancar o que foi plantado” (Ecl 3,2), ao modo de reflexão serena sobre o que já se obteve, para que recobremos forças em vista de novos empreendimentos na árdua caminhada rumo à unidade visível da Igreja de Cristo.

Uma dificuldade particular para o ecumenismo na América Latina e no Caribe refere-se ao grande número de seitas pentecostais em nosso Continente. Com tais grupos religiosos, o diálogo ecumênico “clássico” é inviável, para não dizer impossível, pelo simples fato de que eles, dado o seu notório caráter sectário, se recusam à conversação e ao entendimento com as demais Igrejas ou comunidades eclesiais.

1.5. *Sensus fidei*

O exercício de discernimento que faz a Igreja em vista de sua missão não se dá sem que os bispos, no Espírito de Cristo, experimentem a comunhão eclesial entre si (colegialidade estrita e propriamente episcopal) e com os batizados (“colegialidade” em sentido amplo). O dom do Espírito Santo não é privilégio do episcopado: é a graça por excelência, concedida a todos os membros da Igreja Povo de Deus. Contando com

a fiel e ininterrupta assistência do Espírito Santo, a Igreja Povo de Deus – e não só a ordem episcopal – goza de infalibilidade quanto a questões de fé e moral. Ou a partir de outra perspectiva: Todos na Igreja – pastores e fiéis – colocam-se sob a autoridade da Palavra de Deus (cf. DV 10,2) e abrem-se docilmente ao Espírito de Amor. É aqui que se situa o dado tradicional – lamentavelmente esquecido em nossas discussões a respeito da Igreja – do *sensus fidei* (com as correspondentes concepções de *sensus fidelium* e *consensus fidei*). O *sensus fidei*, mais do que um “conceito”, é uma atitude: trata-se da contínua experiência de comunhão que propicia à Igreja a escuta do Espírito Santo, em função do discernimento daquilo que ela deve sempre *crer e fazer* (*fides e mos*)². Sem que haja comunhão no Espírito de Cristo, não será possível a escuta do que o mesmo Espírito quer nos dizer. Supõe-se um clima de serenidade e confiança, de tal forma que “o Espírito se habitue a morar entre o gênero humano, a repousar sobre os homens e a habitar na criação de Deus” (SANTO IRINEU, *Contra as heresias* III,17,1); e mais, a fim de que “o homem se habitue a ser morada do Espírito e a viver em comunhão com Deus” (*Ib.* IV,14,2).

Acima dizíamos que a Igreja não é uma “democracia”. Ora, o *sensus fidei*, entendido como vivência da comunhão eclesial no Espírito de Cristo, supera, e em muito, qualquer modelo de organização social que se pretenda democrático. Enquanto experiência de unidade e de docilidade ao Espírito Santo na busca da Verdade plena (cf. Jo 15,26; 16,13), a exercitação do

² LG 12: “A totalidade dos fiéis que receberam a unção do Santo [cf. 1Jo 2,20.27] não pode enganar-se na fé; e esta sua propriedade peculiar manifesta-se por meio do senso sobrenatural da fé do povo todo, quando este, “desde os bispos até ao último dos fiéis leigos” [Cf. S. AUGUSTINUS, *De Praed. Sanct.*, 14,27: PL 44,980], manifesta consenso universal em matéria de fé e costumes”.

sensus fidei sempre será eloquente profecia de vida fraterna e de justiça, de paz e de bem comum, autêntico testemunho evangélico em meio ao mundo.

1.6. Diálogo com o mundo

Chega-se ao Vaticano II com novas perspectivas: a Igreja se mostra aberta ao diálogo com o mundo, de modo diferente dos séculos imediatamente anteriores, em que se viu envolvida em acirrados combates contra atitudes e posturas que ela considerava inaceitáveis: por exemplo, o racionalismo, o indiferentismo (religioso) e o modernismo. De modo particular, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* traz as grandes intuições desta abertura ao mundo, desta postura diversa, de boa vontade e atenção aos clamores e questionamentos vindos de ambientes não propriamente religiosos. Com efeito, esta atitude receptiva manifesta-se na abertura do referido documento conciliar: "A alegria e a esperança, a tristeza e a angústia dos homens do tempo atual, sobretudo dos pobres e de todos os aflitos, são também a alegria e a esperança, a tristeza e a angústia dos discípulos de Cristo, e não há nada de verdadeiramente humano que não encontre eco no seu coração" (GS 1).

Evidentemente o diálogo entre Igreja e mundo não se faz sem tensões e conflitos. É lei de vida. Em todo caso, no Vaticano II não se encontra, por parte da hierarquia, uma postura de condenação *a priori* de tudo o que não seja "católico". A mudança de perspectiva é inequívoca, e infunde esperança.

... no Vaticano II não se encontra, por parte da hierarquia, uma postura de condenação *a priori* de tudo o que não seja "católico". A mudança de perspectiva é inequívoca, e infunde esperança.

2. Nova recepção do que se conquistou nas anteriores Conferências Gerais do Episcopado latino-americano e caribenho

Além de resgatar o magistério do Vaticano II, a grande aspiração em torno a Aparecida era que os bispos-delegados trouxessem à memória de toda a Igreja latino-americana e caribenha o conteúdo doutrinário das três últimas Conferências Gerais do Episcopado latino-americano e caribenho que sucederam ao Concílio: Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992). O que dissemos acima da recepção dos concílios vale também para os sínodos e as conferências gerais dos respectivos episcopados continentais. Sendo assim, já se pode falar de um magistério ou de uma tradição da Igreja latino-americana e caribenha,

patrimônio de fé e de moral ainda a ser recebido pelas nossas comunidades eclesiais. Em Aparecida, os bispos não poderiam se furtar a recolher o que nossas comunidades eclesiais têm refletido e vivido nas últimas décadas, de tal modo que nossa Igreja continental se abra ao impulso e às luzes vindas do Alto e assim se deixe animar em sua caminhada. Quicá muito genericamente, mas com a inten-

ção de não nos perdermos em excesso de dados, evocamos as grandes intuições da aludida tradição eclesial latino-americana e caribenha: (a) de Medellín, a opção pelos pobres; (b) de Puebla, uma evangelização que consista na proclamação da verdade sobre Cristo, a Igreja e o homem, bem como a atenção aos

jovens; (c) de Santo Domingo, o protagonismo dos leigos e a inculturação do evangelho.

Não é difícil reconhecer que estes dados particularizados da reflexão recente da Igreja latino-americana e caribenha estão em sintonia com as grandes inspirações eclesiológicas do Vaticano II. São, na verdade, a sua inculturação, a sua tradução em contexto latino-americano e caribenho. Noutras palavras, estas três últimas Conferências Gerais de nosso Episcopado continental consistiram no processo de recepção do Vaticano II em terras latino-americanas e caribenhas.

2.1. De Medellín

Esperava-se dos bispos-delegados em Aparecida sensibilidade diante dos empobrecidos, cujo número em nosso Continente tem aumentado, reafirmando, corajosa e coerentemente a opção pelos pobres. Neste particular, não podem ser esquecidos dois novos desafios de hoje: o modelo econômico neoliberal e o fenômeno da globalização. Todavia, este esforço de uma nova recepção do magistério de Medellín não terá efeito se não se fizerem questionamentos, a partir da própria vida interna da Igreja, sobre as razões pelas quais esta mesma opção pelos pobres não se fez mais frutífera e conseqüente entre nós, mesmo religiosos/as. Não teria havido, sobretudo em nossa pastoral, uma atitude de ideologização desta opção, o que nos teria levado à perda de sua raiz evangélica (cf. Mt 11,15; Lc 4,18; 6,20; 7,22; 14,13.21; Rm 15,26; Gl 2,10; Tg 2,5)?

2.2. De Puebla

Uma evangelização que consista na proclamação da verdade sobre Cristo, a Igreja e o homem, proposta em Puebla, estava chamada a ser também alvo das atenções na Conferência de Aparecida. "Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nele nossos povos tenham vida": o próprio tema da Conferência de Aparecida já não estaria apontando para isto? A releitura da tradição eclesial não pode ter outra finalidade senão o redirecionamento da Igreja para o Senhor Jesus, revelador do Deus que é amor e comunhão.

A atitude de revisitação da tradição eclesial não pode consistir em nada senão no gesto da Esposa que busca ouvir a voz do Esposo, para ser-lhe mais fiel, para mais corresponder ao seu amor (cf. Ct 2,8; 5,2). É nesta busca amorosa (vale dizer, no Espírito que é amor) que a Igreja caminha na direção da verdade e da vida, uma vez que é o Esposo quem diz: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6). E mais: Aqui encontra ela a origem e a fonte de sua missão de serviço ao homem. A vocação da Igreja é ser comunhão, e assim, testemunhar ao mundo que Deus é amor na comunhão das Pessoas divinas. E sua missão consiste em ser mediação histórica da missão do Filho e do Espírito, estas "duas mãos" (cf. Santo Irineu) com as quais o Pai cria, redime e santifica.

Em Puebla propôs-se a opção pelos jovens. Ora, tal atenção à juventude continua a ser importante e inadiável. Não poderiam os bispos-delegados deixar de considerar, em

Uma evangelização que consista na proclamação da verdade sobre Cristo, a Igreja e o homem, proposta em Puebla, deve também ser alvo das atenções na Conferência de Aparecida.

Aparecida, as situações dramáticas pelas quais passa um número considerável dos jovens latino-americanos e caribenhos.

2.3. De Santo Domingo

O anelo pelo protagonismo dos leigos na Igreja, ideal proposto em Santo Domingo, ainda guarda toda a sua força. A Igreja é "leiga": basta recordar que em seus primeiros tempos ela não era (ainda) "clerical". O modelo de Igreja que temos hoje, segundo a qual ela se identifica com o clero e se reduz a ele, é inaceitável segundo uma sã eclesiologia. Isto não significa que o clero não seja necessário. Os ministérios ordenados têm sua razão de ser, mas não são *absolutos*, e sim *relativos* ao conjunto da Igreja. É preocupante o fato de que há poucos leigos devidamente formados, de modo a exercerem no mundo a vocação que lhes é própria; e não menos preocupante o fato de que padres e religiosos/as assumam tarefas que, dadas as suas naturezas, caberiam aos leigos. Ainda precisamos caminhar muito para que a Igreja seja menos clerical, e mais Povo de Deus.

Um novo impulso deve ser dado à inculturação do evangelho. Aqui, há muito que avançar na questão particular do reconhecimento de elaborações teológicas próprias de nosso Continente. Isto também ajudaria a Igreja a ser mais Igreja-comunhão. Mais comunhão, e menos polarização: talvez este seja um slogan

a ser assumido pela Igreja no nosso Continente, sobretudo por teólogos e pastores. Dizemos isto a respeito dos repetidos conflitos entre teólogos e a hierarquia, ocorridos nos últimos tempos em nosso Continente. Ora, tais tensões sucedem em razão de vários fatores. Destaquemos um deles: o esquecimento do *sensus fidei*. Vale dizer: tais contendas ocorrem, não raro, à revelia da vida concreta da Igreja, do dia-a-dia dos fiéis, dos desafios enfrentados no cotidiano da existência humana. Não admira que tais controvérsias se reduzem ao "dogmático" (não no sentido prezado pela tradição eclesial: dogma enquanto verdade de fé que inspira o compromisso ético-cristão), mas enquanto formulação precisa, exata, da experiência de fé. Nunca é demais recordar que, para os Padres da Igreja, a formulação da fé sempre estará aquém da experiência da mesma fé³. A propósito deste tema, seja-nos permitido utilizar uma imagem da geometria ao modo de metáfora: enquanto dois pontos (teólogos e hierarquia) sugerem os pólos de uma disputa (como se dá, por exemplo, no jogo de pingue-pongue), três pontos (teólogos, hierarquia e fiéis) lembram o movimento circular, o que sugere comunhão (circularidade).

Mencionemos ainda o desafio permanente da inculturação da liturgia, de tal modo que as celebrações litúrgicas correspondam à maneira de nossos povos celebrarem o eterno mistério de Cristo (cf. Hb 13,8).

³ Citemos alguns exemplos em Santo Agostinho. *Tratado sobre a Trindade (De Trinitate)* V,1,1: "Começando agora a tratar daquelas coisas que ninguém - pelo menos eu, certamente - pode exprimir de maneira adequada como lhe ocorre em pensamento (também o nosso pensamento se vê superado em muito, quando meditamos sobre o Deus Trindade), ..."; *A primeira catequese cristã (De catechizandis rudibus)* 2,3: Também a mim, quase sempre os sermões que faço não agradam, dado que é meu desejo ardente fazer outros melhores. E muitas vezes os degusto interiormente antes de começar a desenvolvê-los com o som da palavra; se depois saem piores do que aqueles que tinha concebido dentro de mim, me entristeço porque a língua não é capaz de corresponder ao meu sentir profundo".

II. Dinâmica prospectiva

Evidentemente, a Conferência de Aparecida seria um acontecimento vazio se a releitura da tradição eclesial consignada no Vaticano II, e da tradição eclesial latino-americana e caribenha formulada nas três últimas Conferências Gerais, não significasse para a Igreja uma nova tomada de consciência de sua identidade e um novo alento para a sua missão. E isto, graças à permanente ação do Espírito de Cristo na Igreja, pois "é o Espírito que opera nos homens a vontade do Pai e os renova, a partir de sua vetustez, na novidade de Cristo" (SANTO IRINEU, *Contra as heresias* III, 17, 1). O Espírito que soprou em Aparecida faça de nossos pastores uma carta de Cristo, escrita não em tábuas de pedra, mas nos corações (cf. 2Cor 3, 3). Um novo Pentecostes ocorra em nossas terras!

Um evento da importância da Conferência de Aparecida deve provocar em nós, religiosos, um sério e honesto questionamento quanto à nossa participação na Igreja. Estamos suficientemente convencidos de que – de acordo com uma sã e profícua eclesiologia – devemos mais nos inserir nas comunidades eclesiais, e menos nos sentir no direito de estarmos alheios a elas? Mais *inserção*, menos *isenção*! Neste momento preciso, em que aconteceu um importante encontro de bispos de nosso Continente, não podemos deixar de nos motivar a contribuir, pessoal e comunitariamente, no resgate das inspirações do Vaticano II e das três últimas Conferências Gerais do Episcopado latino-americano e caribenho.

Este evento eclesial pode nos inspirar a renovar nossos compromissos assumidos mediante os votos religiosos, e vivê-los no desafiador contexto latino-americano e caribenho. Antes de tudo, cabe-nos reconhecer, com honestidade, que muitos de nós, religiosos, temos uma prática e um estilo de vida não condizente com a radicalidade evangélica e que, conseqüentemente, nosso testemunho não goza de credibilidade. Importa fazermos, também nós e em comunhão com os irmãos das comunidades eclesiais, uma releitura da tradição eclesial latino-americana e caribenha, para nos inserirmos existencial e coerentemente na grande caminhada da Igreja. Importa voltar ao amor primeiro (cf. Ap 2, 4).

Conclusão

A quase exclusiva atenção que a mídia deu à visita do Papa ao Brasil acabou por ofuscar a Conferência de Aparecida como significativo encontro de bispos. Tal fenômeno chama a nossa atenção para o ainda necessário resgate da colegialidade episcopal como valor da tradição eclesial, lamentavelmente deixada no esquecimento. A recuperação deste dado tradicional não se dará como processo isolado, mas em sintonia com o resgate de um modelo eclesial menos centrado no poder clerical e mais consoante ao

Um evento da importância da Conferência de Aparecida deve provocar em nós, religiosos, um sério e honesto questionamento quanto à nossa participação na Igreja.

espírito de comunhão e fraternidade. Ainda falta à Igreja católica romana um esforço sério por se alcançar um equilíbrio satisfatório entre "colegialidade episcopal" e "ministério petrino". Não basta falarmos de inculturação, por exemplo, se as Igrejas locais não são consideradas

como aquilo que são, a saber, verdadeiras Igrejas, nas quais seus membros crêem, celebram e vivem o mistério de Cristo na sua integridade.

A Conferência de Aparecida, sem dúvida, mostrou-se como tempo favorável (cf. 2Cor 6,2), como mediação da manifestação do Deus amor em nosso Continente. É necessário, de nossa parte, que acolhamos com esperança e confiança as graças que Ele quis nos conceder neste acontecimento. Como todo evento eclesial (e não somente episcopal), ele é *dom* e *tarefa*.

Dom enquanto manifestação do amor de Deus por nós, e *tarefa* de testemunhar este mesmo Deus amor aos homens e mulheres da América Latina e do Caribe.

P. Paulo César Barros, SJ, é professor de eclesiologia na FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia) e editor da revista *Perspectiva Teológica*.

Endereço do autor:

Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 – Planalto
31720-300 BELO HORIZONTE – MG

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1 - Como os/as religiosos/as podemos participar – ainda que não presentes em Aparecida – deste grande e importante evento eclesial (e não somente episcopal) que é o V CELAM?
- 2 - Como nosso modo de ser e proceder, enquanto religiosos/as, pode traduzir as grandes intuições eclesiológicas do Concílio Vaticano II, inculturadas em terras latino-americanas e caribenhas mediante o magistério das últimas Conferências de nosso Episcopado continental?
- 3 - Tendo presente o *sensus fidei* (sentido sobrenatural da fé, dado a todos os batizados), como podemos ser menos “protagonistas”, e mais colaboradores humildes da missão de todo o Povo de Deus?

Teologia da encarnação e opção pelos pobres

PE. VITOR G. FELLER

Introdução

O Documento de Puebla, na esteira do Documento de Medellín, fez opção preferencial pelos pobres, com “a idéia de que esta opção devia ter a força de um sinal profético, a força de que alguma coisa de novo começava para este continente, sinal que devia ser inconfundível: o Reino de Deus estava chegando. Este foi, aliás, um dos sinais que o próprio Jesus escolheu para demonstrar o advento do reino messiânico”. Se a evangelização dos pobres tem caráter profético, o mesmo não se pode dizer da evangelização dos ricos, que, mesmo sendo “necessária e útil, nunca teve o valor e a força de um sinal do Reino”.¹

À distância de quase trinta anos, aquela opção profética ainda não se tornou realidade. Ao contrário, houve um arrefecimento das lutas proféticas e engajamentos sociais elaborados e praticados no espírito da opção pelos pobres, e aumentou sensivelmente a pobreza no continente e no país. Aumento em termos quantitativos, pois é bem maior o número de pessoas que se situam, hoje, abaixo da linha de pobreza. Ampliação do leque de pobreza: crianças mantidas na prostituição ou no trabalho infantil, adolescentes e jovens manipulados pelo narcotráfico, meninas e adolescentes em esta-

do de gravidez precoce, mães de família que devem sustentar sozinhas o lar, idosos sem aposentadoria digna, trabalhadores excluídos do mundo do emprego ou mantidos em regime de semi-escravidão pelo modelo neoliberal, grande número de pessoas iludidas pela publicidade, muitos cristãos desorientados em sua opção de fé. Diante desse quadro, torna-se urgente retomar a opção pelos pobres, como enfoque místico e eixo prático da obra evangelizadora.

O objetivo deste artigo é mostrar que a teologia da encarnação é o fundamento da opção pelos pobres e excluídos no mundo de hoje. Característica do cristianismo, em sua diferença na relação com as outras religiões, é a teologia da encarnação. Nenhuma outra religião afirma, ao menos não em termos tão radicais, que Deus se fez homem. No logion 29 do Evangelho de Tomé, depois de expressar encantamento pela união do espírito e da carne, Jesus diz: “Quanto a mim, fico maravilhado pelo seguinte: Como esse ser que é pode habitar esse nada?” No comentário, Jean-Yves Leloup anota uma possível tradução: “como essa riqueza pode habitar nessa pobreza?”.² O cristianismo surgiu dessa percepção: na pobreza de Jesus de Nazaré e em sua opção pelos pobres, manifestou-se a riqueza do amor salvífico de Deus. No humano

¹ Fernando Bastos de ÁVILA, A dimensão social da opção pelos pobres, em F.B. ÁVILA, F. TABORDA e D. GANDIN, *Dimensão social, teológica e pedagógica da opção pelos pobres - XI Congresso Nacional da AEC* (vol. II), São Paulo: Loyola, 1983, pp. 11s.

² O *EVANGELHO DE TOMÉ*, traduzido e comentado por Jean-Yves LELOUP, Petrópolis: Vozes, 1998, pp. 96s.

de Jesus, revelou-se plena e definitivamente o ser e o agir de Deus. O ser de Deus: "Deus é amor. Nisto se tornou visível o amor de Deus entre nós: Deus enviou o seu Filho único a este mundo, para dar-nos a vida por meio dele" (1Jo 4,8-9). O agir de Deus: "Ele quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: Jesus Cristo, homem que se entregou para resgatar a todos" (1Tm 2,4-6). Não conheceríamos nem o ser de Deus como amor nem o agir de Deus como salvação universal, se não fosse o primordial, esse homem, Jesus de Nazaré, caminho para Cristo, salvaguarda de Cristo.³

Por outro lado, não conseguiremos conhecer realmente esse homem se não nos detivermos em sua opção pelos pobres, posta no eixo de sua ação reveladora e salvífica. Também podemos dizer que sem opção pelos pobres não há cristianismo, não há encarnação do Evangelho, não há seguimento de Cristo.

Os cristãos dos primeiros séculos partiram da humanidade de Jesus até chegar à conclusão de que um homem como esse, tão justo e santo, que passou na terra fazendo o bem (At 10,38), só pode ser Deus. Sua humanidade não se explica por sua simples relação conosco, ele pertence a outra esfera da vida, seu Reino é de outro mundo (Jo 18,36). Ele não pode ser simplesmente homem. Pois todo ser humano tem

Não conheceríamos nem o ser de Deus como amor nem o agir de Deus como salvação universal, se não fosse o primordial, esse homem, Jesus de Nazaré, caminho para Cristo, salvaguarda de Cristo.

alguma pendência no mundo do pecado e da maldade. Este não é, porém, o caso de Jesus. Como nos testemunham os Evangelhos, "nele não havia pecado" (1Jo 3,5; 1Pd 2,22). Ele mesmo desafiou seus interlocutores, perguntando: "quem pode me acusar de pecado" (Jo 8,46). A fé cristã reconhece que "ele se fez em tudo semelhante a nós, menos no pecado" (Hb 4,15).

Acontece, porém, que esse caminho percorrido pelos cristãos dos primeiros séculos – da humanidade para a divindade de Jesus – foi sendo esquecido no decorrer dos tempos. Deus se por descontentado que Jesus é Deus, e esqueceu-se que foi na sua humanidade concreta que ele revelou-nos sua divindade. Do mesmo modo, deu-se por descontentada a teologia da encarnação, e esqueceu-se que essa encarnação aconteceu

no chão concreto e conflitivo das relações sociais, políticas, econômicas e ideológicas de Jesus de Nazaré com as pessoas e as classes da sociedade do seu tempo.

Nossa contribuição se desenvolverá em dois momentos. Primeiramente, numa análise mais teológica, faremos uma reflexão sobre as quênoses de Jesus, isto é, os momentos-ápice

de sua vinda e aproximação a nós: a encarnação e, como consequência dela, a cruz, e, como sacramento de ambas, a eucaristia. Num segundo momento, numa análise mais histórico-social, mostraremos como essa tríade –

³ Juan Luis SEGUNDO, *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré II/II: Cristologia*, São Paulo: Paulinas, 1985, pp. 271-311; Jon SOBRINO, *Jesus libertador I: A história de Jesus de Nazaré*, Petrópolis: Vozes, 1996, p. 62-67; Vitor Galdino FELLER, *A revelação de Deus a partir dos excluídos*, São Paulo: Paulus, 1995.

encarnação, cruz, eucaristia – realizou-se efetivamente na vida de Jesus, em sua solidariedade para com os pobres e em sua posição crítica diante dos membros do poder religioso e político de seu tempo.

As quênoses de Jesus e sua opção pelos pobres

a) A quênose da encarnação

Ao comentar o v. 14 do Prólogo do Evangelho de João, o exegeta Johan Konings mostra que a encarnação é o fio que costura toda a vida de Jesus, do início ao fim. “Mesmo precária, a ‘carne’ se presta à práxis salvífica (cf. 6,51). A *en-carna-ção* de Jesus nos salva, porque diz respeito não somente ao início, mas sobretudo à consumação de sua vida. Não só o Natal, mas sobretudo a Sexta-Feira Santa é festa da Encarnação. O presépio e a cruz são da mesma madeira! A Palavra que é da eternidade vai morrer, mas essa morte é mistério de vida, pois a Palavra é vida (v. 4)”⁴. Poderíamos acrescentar que essa encarnação se revela ainda mais visível na opção pelos pobres. A escolha por um nascimento pobre e entre os pobres e por um final pobre e entre os pobres é um foco de luz que embeleza e indica o sentido a dar a toda a sua vida. De modo que sua vida pobre e entre os pobres dá visibilidade à encarnação.

Assim, o conceito teológico-filosófico da encarnação do Filho de Deus ganha contornos

histórico-práticos na vida pobre de Jesus de Nazaré e em sua opção pelos pobres. A encarnação se torna práxis histórico-social na opção de Jesus pelos pobres, escolhidos como destinatários de seu ministério evangélico e sujeitos da continuação da sua missão.⁵

Como “a carne não serve para esconder a glória, mas para manifestá-la”,⁶ assim também a vida pobre e a opção pelos pobres não anulam, nem escondem, ao contrário, explicitam a riqueza da graça salvífica de Deus em Cristo. Desse modo, para ser fiel à escolha que Deus fez de vir ao mundo e salvá-lo pela encarnação, isto é, por meio da carne, que se torna, então, eixo ou dobradiça da salvação (“*caro cardo salutis*”, diziam os Santos Padres), é preciso afirmar que não existe salvação fora da vida pobre e da opção pelos pobres. Na simplicidade da encarnação de Deus em Cristo revela-se a onipotência divina. “No cristianismo (a doutrina sobre Deus) não é anunciada de modo abstrato e filosófico, mas é derivada da figura de Cristo feito homem. Como será diferente o modo de falar da onipotência divina, se (...) nos inspirarmos no presépio!”⁷ Se o mundo e a história são instâncias de primeira ordem em que se plenifica a revelação definitiva de Deus em Cristo, Palavra encarnada, e em que se cumpre a salvação de Deus em favor de todos os seres humanos, devemos então confessar que fora do mundo, fora da história, não há salvação – *extra mundum nulla salus*.

Deveríamos ir até o mais profundo dessa história, lá onde se encontram as dores e

⁴ Johan KONINGS, *Evangelho segundo João – Amor e fidelidade*, São Paulo: Loyola, 2005, p. 80.

⁵ Sobre a importância dos pobres na encarnação do Evangelho, ver Vitor G. FELLER, *O sentido da salvação – Jesus e as religiões*, São Paulo: Paulus, 2005, pp. 56-78.

⁶ Johan KONINGS, *Evangelho segundo João – Amor e fidelidade*, São Paulo: Loyola, 2005, p. 80.

⁷ Joseph RATZINGER (BENTO XVI), *Dogma e anúncio*, São Paulo: Loyola, 2007, p. 53.

angústias, mas também as alegrias e esperanças e lutas, lá onde o Filho de Deus foi, na manjedoura da estrebaria e no abandono da cruz, na pobreza radical e na companhia dos pobres, para perceber aí o enraizamento da ação reveladora e salvífica de Deus. A ponto de podermos dizer: fora do mundo dos pobres, fora da opção pelos pobres não há salvação!⁸ Na unidade da encarnação, apreendemos a vinda de Deus a toda a humanidade; na parcialidade

da opção pelos pobres, apreendemos a oferta da salvação a todos. "O fato de que um homem fosse elevado à unidade pessoal com Deus não atinge só esta única pessoa; é um acontecimento em toda a natureza humana, pois esta é só uma em todos os homens".⁹ Assim também na particularidade da opção do Deus encarnado pelos pobres, temos a revelação da universalidade da salvação oferecida a todas as pessoas e todos os povos.

b) A quênose da cruz

A encarnação está orientada para a cruz. É o apóstolo Paulo quem nos mostra a consequência da encarnação: "Ele tinha a condição divina, mas não se apegou a sua igualdade com Deus. Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se

semelhante aos homens. Assim, apresentando-se como simples homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz!" (Fl 2,6-8).

Ao encarnar-se numa humanidade que se deixou marcar pelo pecado, pela rejeição dos designios divinos, pelo abandono dos pobres e pela violência entre as pessoas, a Palavra divina, o Filho eterno do Pai, assume conflitivamente os males humanos. Sem igualar-se ao ser humano no pe-

cado, submete-se, porém, às consequências do pecado, a ponto de fazer-se "maldição por nós" (Gl 3,13). Humano em tudo, menos no pecado (Hb 4,15), precisamente porque o pecado não é humano, mas desumano e desumanizante, ele se faz pecado para nos libertar do pecado. Diante de Jesus de Nazaré, sobretudo na sua morte, podemos dizer: "Enfim, existe um homem – homem real e verdadeiro com todas as consequências, submetido à condição humana, feito 'pecado' (=hamartia: 2Cor 5,21) – que ao mesmo tempo é Deus, a saber, que tem força para romper, de dentro mesmo dessa condição humana, nossa impotência, abrindo-a para a possibilidade de uma realização infinita".¹⁰

Jesus é solidário conosco em tudo; mas ele praticou somente o bem, nunca o mal. Por isso, assume o mal que produzimos

⁸ Edward SCHILLEBEECKX, *História humana – Revelação de Deus*, São Paulo: Paulus, 1994, pp. 21-33; Vitor G. FELLER, *O sentido da salvação – Jesus e as religiões*, São Paulo: Paulus, 2005, pp. 79-132.

⁹ Joseph RATZINGER (BENTO XVI), *Dogma e anúncio*, São Paulo: Loyola, 2007, p. 55s.

¹⁰ Andrés TORRES QUEIRUGA, *Recuperar a salvação – Por uma interpretação libertadora da experiência cristã*, São Paulo: Paulus, 1999, p. 173.

para devorá-lo e tragá-lo no vórtice e no vértice da vida, na libertação plena do ser humano e da história, na destruição da morte, que não tem mais nenhum poder sobre nós, que foi tragada pelo poder maior da vida (1Cor 15,54-57).

Morrendo como pobre, abandonado, fora dos muros da cidade, Jesus se identifica com todos os sofredores que são continuamente excluídos do banquete da vida. Tendo nascido como pobre, morre como pobre. "O presépio e a cruz são da mesma madeira!"¹¹

No encontro com o Cristo crucificado e ressuscitado, visibilizado e amado diariamente nas vítimas de todos os tempos, os cristãos reconhecem: "Deus quis fazer habitar nele toda a plenitude e, por ele, reconciliar consigo todos os seres, tanto na terra como no céu, estabelecendo a paz, por meio dele, por seu sangue derramado na cruz" (Gl 1,19-20).

Por isso, a opção pelos pobres, como marca do seguimento de Jesus de Nazaré, está intrinsecamente marcada pela perseguição, pelo martírio, pela morte.

c) A quênose da eucaristia

Na eucaristia, a encarnação do Filho de Deus atinge os níveis ínfimos. Ele não apenas se

rebaixa à condição humana, à servidão, à morte e ao fim vergonhoso na cruz (cf. Fl 2,6-8), mas humilha-se ainda mais assumindo a forma de trigo amassado e uva pisada, de pão e vinho usados como expressão material de seu Corpo entregue e Sangue derramado na cruz. Desse modo, Deus assume a carne do mundo, e o mundo torna-se corpo de Deus.¹²

A imagem eucarística do mundo como corpo de Deus estabelece entre Deus e o mundo uma relação de distinção na comunhão, baseada na

**Morrendo como pobre,
abandonado, fora dos
muros da cidade, Jesus
se identifica com todos
os sofredores que são
continuamente
excluídos do banquete
da vida.**

asserção cristã da encarnação, pela qual Deus se fez carne do mundo. Uma compreensão ecológica, histórica e escatológica, pela qual se pode afirmar que "no ministério de Jesus de alimentar os famintos, curar os enfermos e aliar-se aos pobres e oprimidos – ações que se opunham aos costumes convencionais e levaram à sua morte – vemos concretamente o que

significa viver de maneira correta no corpo de Deus".¹³

Na eucaristia, pão de Deus para a vida do mundo, expressão máxima da encarnação do Filho de Deus, a Igreja reafirma sua opção pelos pobres. "Na eucaristia, o nosso Deus manifestou a forma extrema do amor, invertendo todos os critérios de domínio que muitas vezes regem as relações humanas e afirmando de

¹¹ Johan KONINGS, *Evangelho segundo João – Amor e fidelidade*, São Paulo: Loyola, 2005, p. 80.

¹² Vitor G. FELLER, Eucaristia e Reino de Deus, em *Encontros teológicos* 41, Florianópolis: ITESC, 2005, pp. 83-110.

¹³ Sallie MCFAGUE, Imaginar Deus e "um outro mundo", em *Concilium* 308, Petrópolis: Vozes, 2004, p. 51. Ver também o número monográfico da revista *Concilium*, em Leonardo BOFF e Virgílio ELIZONDO (dir.), *Ecologia e pobreza – Grito da terra, grito dos pobres*. *Concilium* 261, Petrópolis: Vozes, 1995.

modo radical o critério do serviço” (MND 28).¹⁴ Ao manifestar sua confiança de que é possível um outro mundo, de que é possível reescrever a história com um rosto verdadeiramente humano, de que, em vez de um fim trágico, há caminhos possíveis na história, tais como a purificação da memória, o respeito pelo verdadeiramente humano, a lei da superabundância e do amor gratuito e, enfim, a globalização ecológica, Cl. Geffré assegura: “A Igreja não dispõe de uma receita mágica para construir um outro mundo mais justo e mais convivial. Mas o futuro continua aberto e o fundamento da esperança cristã é a certeza de que o Espírito de Deus está sempre trabalhando para renovar a face da Terra. Cada vez que cumprimos a práxis de Jesus como práxis de libertação e de humanização, damos um rosto humano à história e antecipamos o Reino de Deus entre os seres humanos”.¹⁵

A eucaristia, expressão sacramental da encarnação, sinal visível e eficaz da graça da encarnação, é o pão dos pobres. Encarnada, enraizada, celebrada em nossas igrejas e continuada nos grupos de reflexão e de oração, nas comunidades eclesiais de base e nas pastorais sociais, nos círculos bíblicos e nas leituras orantes da Bíblia, será certamente a funda de Davi que as vítimas do sistema neoliberal guar-

dam em sua algibeira para derrubar o império do mercado, a globalização excludente e o universalismo da violência.¹⁶

A relação entre eucaristia e opção pelos pobres, entre eucaristia e serviço de caridade em favor dos excluídos da sociedade, é uma constante na história do cristianismo. Basta recordar alguns testemunhos: as reações de Paulo à gulodice de alguns participantes da eucaristia (1Cor 11,7-22.33s), seu desejo de que na eucaristia se recolhessem donativos para os pobres de Jerusalém (1Cor 16,2), as denúncias dos Santos Padres de que não se pode honrar devidamente a eucaristia se não se respeita o corpo de Cristo nos pobres, a coleta que sempre se faz nas celebrações em favor dos necessitados, a inspiração de Charles de Foucauld de tornar-se um “homem consumido” pelos abandonados e excluídos.¹⁷

Na simplicidade e na sobriedade de seus símbolos e ritos, a eucaristia aponta para a grande utopia do Reino de Deus que vem sendo posta em prática no cotidiano da vida dos pobres. Na celebração eucarística, “está em jogo a morte de um homem, a morte do homem-Deus”. Por isso, “a sua lembrança é o impulso para evitar o esquecimento e para reconhecê-lo naqueles nos quais sofre. O culto cristão se chama ‘ágape’; a ele pertence a descoberta de Jesus naqueles

¹⁴ Nesse mesmo número de sua Carta Apostólica *Mane nobiscum Domine*, de 07/10/2004, João Paulo II recorda que “São Paulo reafirma vigorosamente que não é lícita uma celebração eucarística onde não resplandeça a caridade testemunhada pela partilha concreta com os mais pobres” (MND 28).

¹⁵ Claude GEFFRÉ, O Deus de Jesus e os possíveis da história, em *Concilium* 308, Petrópolis: Vozes, 2004, p. 79.

¹⁶ F. WILFRED, Buscando a funda de Davi - Liberando os recursos locais de esperança, em *Concilium* 308, Petrópolis: Vozes, 2004, pp. 92-104.

¹⁷ J.-M.R. TILLARD, Teologia. Voz católica. A comunhão na Páscoa do Senhor, em Maurice BROUARD (org.), *Eucharistia - Enciclopédia da Eucaristia*, São Paulo: Paulus, 2006, 521-576; F. TABORDA, O futuro da Eucaristia visto da América Latina e do Caribe, em Maurice BROUARD (org.), *Eucharistia - Enciclopédia da Eucaristia*, São Paulo: Paulus, 2006, 953-956.

que sofrem neste mundo tão realmente como os sinais de pão e vinho”.¹⁸ Também aqui, na pobreza dos sinais, que revela a pobreza da realidade, vale a palavra de Jesus: “Quem é fiel nas pequenas coisas será fiel também nas grandes” (Lc 16,10).¹⁹

Para concluir essa primeira parte, podemos dizer que essas quênoses paradigmáticas da encarnação, da cruz e da eucaristia, analisadas teologicamente como expressão do amor total e escatológico de Deus pela humanidade inteira, se tornam particularmente verificadas na quênose da pobreza. E, portanto, precisam ser vistas e apreciadas também do ponto de vista histórico, político e social. O apóstolo Paulo faz o elogio da generosidade do amor de Cristo por nós, lembrando sua opção pela pobreza: “De fato, vocês conhecem a generosidade de nosso Senhor Jesus Cristo; ele, embora fosse rico, se tomou pobre por causa de vocês, para com a sua pobreza enriquecer a vocês” (2Cor 8,9).

Em Jesus se encontra a beleza da pobreza. Na simplicidade e na sobriedade de sua vida humana, vemos o esplendor do divino. Na sua compaixão com as multidões, na inclusão das

mulheres, na bênção das crianças, na cura dos doentes, sobretudo dos leprosos, na acolhida e no perdão aos pecadores, na presença aos banquetes abertos, na aproximação dos marginalizados, enfim, na evangelização de todos, a partir da evangelização dos pobres e da opção pelos pobres, aqui entendidos, concreta e conflitivamente, como carentes dos bens da vida, nisso tudo se revela a encarnação mais radical do Filho eterno de Deus. Da eternidade veio para o tempo, da divindade para a humanidade, da riqueza para a pobreza. Mas só ficamos sabendo de tudo isso por causa de seu radical posicionamento em favor e ao lado dos pobres.

Assim, na quênose da pobreza estão sintetizadas, simbolizadas e explicitadas as outras quênoses, que, em efeito, são um único movimento de quênose, de rebaixamento, de aproximação, solidariedade e identificação com os últimos da sociedade e da religião, com os que não contavam: não tinham, não podiam, não sabiam. Que passaram, com Jesus, a ter, poder e saber de um modo novo: ter um Deus que é Pai, contar com o poder de seu Amor e saber-se sujeitos e destinatários privilegiados de seu Reino.

**Em Jesus se encontra a
beleza da pobreza. Na
simplicidade e na
sobriedade de sua vida
humana, vemos o
esplendor do divino.**

¹⁸ Joseph RATZINGER (BENTO XVI), *Dogma e anúncio*, São Paulo: Loyola, 2007, p. 50.

¹⁹ Sobre a relação entre Eucaristia e opção pelos pobres, ver as conferências proferidas no 15º Congresso Eucarístico Nacional, sobretudo as de Luciano MENDES DE ALMEIDA, Eucaristia e transformação da sociedade, e de Orlando BRANDES, Eucaristia e amor social: os pobres e a fome, ambas em *Encontros teológicos 44*, Florianópolis: ITESC, 2006, pp. 43-50 e 55-80, respectivamente. Os Anais do 15º. CEN (no prelo) trazem as conferências tais como foram proferidas oralmente, portanto com maior riqueza de detalhes e de relação com a prática pastoral e evangelizadora.

Subversão das relações sociais

No final de sua Carta Apostólica *Mane Nobiscum Domine*, quase que sua carta-testamento, João Paulo II insiste que o lava-pés é reversão do poder, porque põe os pobres em primeiro lugar. Na encarnação, na cruz e na eucaristia, “o nosso Deus manifestou a forma extrema do amor, invertendo todos os critérios de domínio que muitas vezes regem as relações humanas e afirmando de modo radical o critério do serviço” (MND 28).

Em termos teológicos a encarnação se concebe como o movimento divino para tornar-se homem. Em termos históricos e sociais, a encarnação se concebe e se pratica como posicionamento ao lado dos humildes, pequenos, pobres, excluídos do ter, do poder e do saber. E a partir daí, manifestar predileção especial por eles, fazer opção por eles, escolhê-los como destinatários e sujeitos do Reino e do Evangelho.

O poder é satânico e hipócrita, pois subjuga as pessoas e ainda exige reconhecimento como benfeitor (Mt 4,8 e Mc 10,42).

a) Crítica e negação dos ídolos

Jesus não procura construir o Reino a partir dos detentores do ter, do poder e do saber. Em sua pessoa e ministério, Deus continua concentrando a revelação de seu ser e de seu agir na realidade de exclusão dos pobres. Javé, Deus de Israel e Pai de Jesus e dos cristãos, ao se revelar, escolhe como caminho de sua automanifestação a presença, a ação e a palavra junto aos excluídos do ter, do poder, do saber e do prazer. Sem cair em fórmulas matemáticas e lógicas perversas de dominação do

mistério divino, pode-se constatar que há uma proporcionalidade direta entre os momentos de dor do povo e os momentos de manifestação de Deus: onde e quando o povo sofre, Deus se revela, e quanto maior a dor do povo, maior o amor revelado de Deus!

Para Jesus, a riqueza é dinheiro da iniquidade que provém da injustiça e leva à injustiça (Lc 16,9). O poder é satânico e hipócrita, pois subjuga as pessoas e ainda exige reconhecimento como benfeitor (Mt 4,8 e Mc 10,42). O saber é um meio de dominação: fecha-se aos demais o acesso ao saber para que dependam dos que se arvoram em doutores, detentores da única sabedoria (Lc 11,52; Mt 23,1-31).

Se é verdade que o arco histórico da revelação divina ao povo de Israel contempla a inserção de imagens de Deus ligadas ao dinheiro e ao poder, até à prepotência e à vingança, sobretudo em sua relação com os inimigos de Israel, é mais verdade que o fio de ouro que costura todas as imagens de Deus na revelação bíblica está ligado ao Deus dos pobres, dos órfãos, das viúvas e dos estrangeiros. O Deus da Bíblia

subverte a idéia e a prática do ter e do poder. É um Deus que desinstala. “Uma das características da imagem revelada de Deus é a de que o Deus vivo e verdadeiro é um Deus que desinstala, que chama o homem para sempre novos projetos, que o convoca a assumir o futuro, mesmo sob o risco que é abandonar a segurança do passado. Foi assim com Abraão que Deus convida a desinstalar-se e fazer-se peregrino na terra de Canaã. Foi assim com Moisés e o povo hebreu, chamado a deixar as garantidas cebolas do Egito e a caminhar no deserto rumo ao desconhecido. Foi assim com

o povo de Israel no Exílio, convocado o que havia conquistado de bem-estar na Babilônia e a reiniciar do nada na Palestina. Foi assim com o Filho eterno de Deus que assume a história e a luta dos homens para experimentar por dentro o que significa amar no concreto da história, suportando a cruz e não se importando com a vergonha (Hb 12,2). E à imagem do Deus desinstalador corresponde a imagem do homem peregrino, que, em nome de Deus, se aventura a andar rumo ao desconhecido, por caminhos ainda não trilhados, complementando na solidariedade o que falta ao companheiro de jornada”.²⁰

Nesse sentido, à abertura teológica para nossa relação vertical com Deus, o totalmente Outro, o transcendente, o Deus maior, deve corresponder uma abertura, também teológica, ao outro, o pobre, o totalmente outro, situado tão embaixo na pirâmide social e cultural que muitas vezes não é visto, esse outro com quem Deus quis se identificar até tornar-se Deus menor, Deus humano, Deus pobre, esse outro através do qual o Deus maior nos interpela. Assim, na encarnação do Filho de Deus, que expressa sua visibilidade social, política, econômica e cultural, na opção pelos pobres, temos a crítica e a negação de todo poder dominador, opressor e explorador.

Como todo ser humano, Jesus também teve poder. Há que se lembrar que o povo reconhecia nele alguém que falava com autoridade, o povo o buscava para ouvir seus ensinamentos,

para pedir-lhe a cura dos doentes, para estar simplesmente com ele, para perceber as maravilhas que Deus fazia através de sua pessoa, de seu ser e de seu agir. Era um homem de poder. Mas ele exercia seu poder sempre a serviço dos pobres, nunca para confirmar a sociedade injusta e idólatra de seu tempo. O poder em si não é contraditório com a encarnação e com a opção pelos pobres. Ao contrário, é muito importante. Depende, porém, do modo como se usa o poder: a serviço dos pobres ou a serviço das classes dominantes. Por isso, como fez Jesus de Nazaré, “optar pelos pobres é, também, pôr a serviço deles tudo o que temos – o poder também: dá-lo diretamente quando pudermos, pô-lo a serviço quando não pudermos”.²¹

b) O critério de Deus

Jesus reconhece que o critério de Deus é diferente; ele se posiciona do lado dos que não têm, não podem, não sabem; e faz deles os destinatários privilegiados das coisas do Pai, do Reino de Deus. Jesus louva o Pai pela revelação do Reino aos pequenos (Mt 11,25 e Lc 10,21) e garante que os marginalizados (os publicanos e as prostitutas) terão precedência no Reino (Mt 21,31). Desse modo, Jesus assume sua pobreza real, de alguém que nasceu pobre, viveu pobre e morrerá como pobre, como instrumento, paradoxal aos olhos humanos, de edificação do Reino de Deus.²² Nesse sentido,

²⁰ Francisco TABORDA, Dimensão teológica da opção pelos pobres, em F.B. ÁVILA, F. TABORDA e D. GANDIN, *Dimensão social, teológica e pedagógica da opção pelos pobres* – XI Congresso Nacional da AEC (vol. II), São Paulo: Loyola, 1983, p. 62.

²¹ Danilo GANDIN, Dimensão pedagógica da opção pelos pobres, em F.B. ÁVILA, F. TABORDA e D. GANDIN, *Dimensão social, teológica e pedagógica da opção pelos pobres* – XI Congresso Nacional da AEC (vol. II), São Paulo: Loyola, 1983, p. 81.

²² Francisco TABORDA, Dimensão teológica da opção pelos pobres, em F.B. ÁVILA, F. TABORDA e D. GANDIN, *Dimensão social, teológica e pedagógica da opção pelos pobres* – XI Congresso Nacional da AEC (vol. II), São Paulo: Loyola, 1983, pp. 44s.

há de se entender a diferença entre as bem-aventuranças de Lucas e Mateus. Enquanto em Lucas as bem-aventuranças falam de Deus, em Mateus elas falam do ser humano.²³

Em Lucas, as bem-aventuranças são apresentadas de forma curta, direta, em contraposição com as maldições. Elas falam do amor gratuito de Deus, como Deus do Reino, Deus dos pobres. Felizes são os pobres, os famintos, os aflitos e os perseguidos, não pelo sofrimento que essa condição lhes impõe, mas porque Deus lhes destina o Reino, porque são os primeiros a perceber os sinais do Reino e a notar a diferença entre a ordem imposta pelos poderosos e a nova ordem querida por Deus. Lucas mostra, assim, que Deus lhes destina privilegiadamente o Reino, não porque o merecem, porque são melhores que os outros, mas simplesmente porque Deus não faz acepção de pessoas. Não é a pobreza, a fome, a angústia ou a perseguição que os fazem felizes, mas o carinho, o zelo, o cuidado de Deus-Pai, que lhes dá a alegria de viver, mesmo em meio a tantos sofrimentos. Essa é a felicidade que Deus quer para os pobres, não a felicidade da pobreza, mas a felicidade do amor com que os cobre. Saber que nos momentos de dor não estão desamparados, não estão sós,

Em Lucas, as bem-aventuranças são apresentadas de forma curta, direta, em contraposição com as maldições. Elas falam do amor gratuito de Deus, como Deus do Reino, Deus dos pobres.

mas cobertos pelo amor do olhar de Deus, essa é a felicidade do pobre, e não da pobreza. No mesmo sentido também é a felicidade dos que choram, dos que padecem fome, dos que são perseguidos. São felizes, porque amados por Deus.

Assim, "amando a todos gratuitamente, (Deus) ama preferencialmente os menos amados, aqueles a quem a malícia humana e o pecado fazem sofrer. Com isso se manifesta como o Deus dos pobres, por ser o Deus da graça".²⁴ Em sua costumeira benevolência, já revelada em todo o arco da revelação na Primeira Aliança, Deus se debruça sobre os mais fracos, espezinhados pelos grandes, esquecidos pelas estruturas e instituições sociais, para manifestar-lhes seu favor, seu brilho, seu encanto, sua *hèsed*, sua *khâris*.²⁵

Já em Mateus, as bem-aventuranças se voltam para o ser humano, fornecendo-lhe os critérios necessários para que se assemelhe ao Deus do Reino e dos pobres. Nas bem-aventuranças de Mateus, os pobres, os aflitos, os famintos e os perseguidos, ganham a companhia dos mansos, dos misericordiosos, dos puros e dos pacíficos; todos são felizes porque assumiram em sua próprias vidas um estilo de vida marcado pelo ser e

²³ Francisco TABORDA, Dimensão teológica da opção pelos pobres, em F.B. ÁVILA, F. TABORDA e D. GANDIN, *Dimensão social, teológica e pedagógica da opção pelos pobres - XI Congresso Nacional da AEC* (vol. II), São Paulo: Loyola, 1983, pp. 50s.

²⁴ Francisco TABORDA, Dimensão teológica da opção pelos pobres, em F.B. ÁVILA, F. TABORDA e D. GANDIN, *Dimensão social, teológica e pedagógica da opção pelos pobres - XI Congresso Nacional da AEC* (vol. II), São Paulo: Loyola, 1983, p. 51.

²⁵ Maria Clara BINGEMER e Vitor Galdino FELLER, *Deus-Amor: a graça que habita em nós*, São Paulo/Valencia: Paulinas/Siquem, 2003, pp. 67-70.

pelo agir do próprio Deus em sua opção pelos pobres. Desse modo, Mateus apresenta de modo indireto, isto é, na vida realizada e feliz do fiel, o critério do próprio Deus. Modelo de vida feliz e realizada é, certamente, o próprio Jesus de Nazaré. Em seu ser e agir, revelam-se o ser e o agir de Javé, o Deus e Pai dos pobres. Assim, os pobres de Lucas são felizes "não por suas qualidades morais, mas por terem sido desqualificados pelas estruturas da sociedade; são felizes, porque serão os mais visíveis beneficiários da vinda do Reino". Os pobres de Mateus são felizes porque assumem, como Deus, a causa dos pobres, "porque aceitam o oferecimento de Deus, o Reino que é graça, e correspondem por sua ação à ação de Deus, feitos cooperadores e instrumentos na construção do Reino".²⁶

Tanto na Primeira Aliança, quanto na plenitude da revelação, na encarnação de Deus, feito homem em Jesus de Nazaré, revela-se o modo paradoxal de Deus ser e agir: sempre a partir de baixo, das pessoas e situações que não contam. Javé se revela a pessoas e comunidades que experimentaram – e, em muitos casos, exatamente no momento em que experimentavam – as mais humilhantes situações de angústia, de dor e de solidão: a migração de Abraão pelas terras de Canaã; a escravidão dos hebreus no Egito; as guerras para tomar posse e firmar-se como povo na Terra Prometida; a expoliação dos pequenos, com taxas e impostos para sustentar a monarquia de Davi e Salomão; a exploração

costumeira dos pobres, das viúvas e estrangeiros; o exílio de toda a nação para a Babilônia; a extinção de um povo, antes poderoso, agora resto de Israel; a recepção inóspita de Maria e José em Belém; a marginalização política e religiosa de todo o povo na Palestina de Herodes e Pilatos, de Anás e Caifás; a crucifixão de Jesus no Calvário; o desânimo dos discípulos no caminho de Emaús; o medo dos apóstolos no Cenáculo; a perseguição dos primeiros cristãos nos caminhos e casas de Jerusalém; as tribulações de Paulo nas andanças do ministério.

c) A rejeição à idolatria e o mistério pascal

Jesus morre por ter escolhido pôr-se decididamente contra os ídolos da sociedade de então, o dinheiro, o poder e o saber. Numa sociedade marcadamente religiosa, em que não se

**Jesus morre por ter
escolhido pôr-se
decididamente contra
os ídolos da sociedade
de então, o dinheiro, o
poder e o saber.**

faziam as distinções que hoje se fazem entre religião e economia, religião e política, religião e ciência, os homens religiosos, os chefes religiosos do povo eram ao mesmo tempo, homens de Deus, responsáveis pela Lei e pelo Templo, e homens dos ídolos, detentores de riqueza, de mando e de po-

der ideológico. Jesus percebe que essa dicotomia impede o acesso ao Deus vivo e verdadeiro e justifica as divisões de classe no interior da família religiosa. Em nome de Deus, mascara-se a posse do dinheiro, a pretensão do poder e a interpretação legalista e sacrificialista da religião. De modo que os ricos são considerados

²⁶Francisco TABORDA, Dimensão teológica da opção pelos pobres, em F.B. ÁVILA, F. TABORDA e D. GANDIN, *Dimensão social, teológica e pedagógica da opção pelos pobres – XI Congresso Nacional da AEC* (vol. II), São Paulo: Loyola, 1983, p. 52.

justos, os donos do poder religioso são tidos por sábios e mestres. Ao passo que os pobres são pecadores, e, por isso, impossibilitados de subir na posição social. Pobres, porque pecadores; pecadores, porque pobres. Ricos, porque justos; justos, porque ricos. Dois círculos, um negado como vicioso e outro louvado como virtuoso, intocáveis entre si, ambos justificados pela dicotomia intrínseca ao modo como se conduzia a religião.

Jesus põe de realce e denuncia essa dicotomia, desmascarando a idolatria nela vigente. Por isso, passa a criticar severamente o poder estabelecido, primeiramente o poder ideológico-cultural que os fariseus exerciam sobre a população e, por fim, já em Jerusalém, no final de seu ministério, critica o poder econômico-religioso dos sacerdotes. Por isso, será preso e levado ao tribunal do Sinédrio, acusado de blasfêmia, por ter-se apresentado como Filho de Deus, e em seguida levado ao tribunal romano de Pilatos onde é acusado de subversivo do poder romano. Em suma, sua morte é consequência de sua encarnação e de sua opção pelos pobres. O fato de ele ter levado sua encarnação até às últimas consequências, até pôr-se do lado dos pobres e excluídos, dos últimos e marginalizados, fez dele um profeta crítico do anti-reino, da idolatria reinante, motivo pelo qual sua encarnação vai ainda mais longe, na maior profundidade da miséria humana, até à morte e, mais ainda, até a morte ignominiosa numa cruz (Fl 2,6-8).

A opção de Jesus pela negação dos ídolos se vê confirmada em sua ressurreição. Se na morte, os homens julgaram a Deus que atuava em Jesus, na ressurreição Deus diz sua última palavra reabilitando a vítima e julgando,

**Se a maior miséria física
é morrer de fome, então
a maior miséria
espiritual é deixar
morrer de fome.**

assim, a violência dos assassinos de Jesus. Trata-se da vingança de Deus que, já no Antigo Testamento, era chamado de vingador dos humildes. Deus declara que a vida de Jesus foi honesta e justa, e que estavam certas suas atitudes de anúncio do Evangelho e do Reino aos pobres e de denúncia profética dos ídolos do mundo. Só quem amou até o fim, desceu às situações mais miseráveis para aproximar-se, solidarizar-se e identificar-se com os pe-

quenos e pobres, será exaltado e feito Senhor da glória. Ao movimento de descida, de encarnação, de quênose, corresponde o movimento de subida, de glorificação (Fl 2,6-11). Na ressurreição, Deus confirma a subversão de Jesus, promovendo outra subversão, agora definitiva, escatológica.

Conclusão

Se a maior miséria física é morrer de fome, então a maior miséria espiritual é deixar morrer de fome. Assim, nossa sociedade deixa clara sua pobreza espiritual quando permite que grande parte dos seus filhos e filhas viva em situação de miséria extrema, de exclusão social, de marginalização. É uma sociedade miserável, miserenta. Os cristãos descomprometidos, na desculpa de buscarem o que julgam o essencial – o religioso, o místico, o sacramental –, na verdade se afastam da fonte da vida cristã: o amor de Deus apaixonado pelos excluídos, sua revelação na pessoa e na história dos excluídos!

O excluído é lugar de concentração da revelação de Deus. Junto com a revelação de Deus, nele se dá também a revelação da humanidade, da encarnação, da Igreja, da ação pastoral,

da caridade cristã, da morte e ressurreição de Jesus²⁷. De fato, "a comunhão com os outros, esta igualdade que Cristo quer que nós vivamos, se descobre por via da carne e não pela do espírito. É por meio da carne que Cristo é nosso irmão, nosso consangüíneo, igual a nós. E essa fraternidade, nós a podemos descobrir no nível mais baixo, no nível ínfimo. Enquanto existir alguém mais baixo do que nós, enquanto existir uma cota de profundidade que não tenhamos alcançado, isto significa que não realizamos toda a fraternidade"²⁸

Poderíamos continuar: enquanto houver um excluído, lá estará o Outro, Deus no pobre,

Jesus no irmão. É de lá que vem o apelo à conversão, é para lá que somos atraídos na dinâmica da solidariedade. É na direção do pobre que se encontra o futuro da Igreja.

Pe. Vitor G. Feller (1953) é presbítero da Arquidiocese de Florianópolis; doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, com tese sobre o Deus da revelação na teologia latino-americana; diretor e professor de Teologia Sistemática no Instituto Teológico de Santa Catarina (ITESC).

Endereço do autor:

Rua Esteves Junior, 447 - Centro
88015-130 Florianópolis - SC

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1 - Que significa concretamente para você e sua comunidade a compreensão da encarnação como o fundamento teológico da opção pelos pobres e excluídos no mundo de hoje?
- 2 - Como as questões de Jesus (encarnação, cruz, eucaristia) questionam a Vida Religiosa na sua missão no mundo atual?
- 3 - Porque a prática de Jesus e seu mistério pascal podem ser entendidos como crítica e negação dos ídolos da nossa sociedade?

²⁷ Juan ÁLFARO, *Revelación cristiana, fe y teología*, Salamanca: Sígueme, 1985, p. 169.

²⁸ Arturo PAOLI, *Em busca da liberdade: castidade, obediência, pobreza*, São Paulo: Loyola, 1983, p. 16.

Com os pobres, para que todos tenham vida

ÉLIO ESTANISLAU GASDA, SJ

A nova cara do velho capitalismo

O drama que atinge a maior parte da humanidade não é obra da fatalidade, mas tem como causa principal o modelo econômico que se estende por todo o globo. As raízes do processo de globalização econômica em vigor, isto é, a reorientação dos recursos econômicos e financeiros do âmbito nacional a um sistema de mercado global se encontram nas estratégias e nos comportamentos de seus atores econômicos. Longe de ser uma consequência natural dos avanços tecnológicos ou de uma estrutura abstrata sem rosto e sem nome, a globalização está se configurando como um programa econômico, político e social impulsionado por ideologias e sujeitos bem concretos. Sob a orientação da lógica da competitividade do mercado estão ocorrendo as profundas transformações na forma de organizar o conjunto da existência humana. As mudanças vão na direção de fortalecer o mercado liberal como instrumento de regulação das relações econômicas, políticas e sociais. Importa destacar a *implementação neoliberal*, pois não se pode responsabilizar simplesmente a revolução tecnológica em si e nem tão pouco o processo de globalização como tal. cremos que as potencialidades positivas de ambos fenômenos poderiam ajudar na redução das desigualdades.

O sistema econômico capitalista neoliberal constitui o eixo do processo de globalização. No começo deste século, estamos vivendo as

consequências do neoliberalismo, aplicação da versão radicalizada do pensamento liberal clássico, uma intervenção teórica e política contra o Estado regulador da economia e do bem-estar social. O neoliberalismo rechaça de saída qualquer política intervencionista e social que regule mais minimamente as transações do mercado financeiro, de bens e de trabalho. Desgraçadamente, suas medidas são por demais conhecidas: abertura total dos mercados, desregulação de toda norma para o capital estrangeiro, privatização das empresas estatais e dos serviços sociais, flexibilização das leis trabalhistas. Ao poder público cabe assegurar a estabilidade econômica e política, criar condições jurídicas favoráveis para as operações financeiras e garantir a infra-estrutura física e humana necessária para as inversões de capital. Com a aceleração do processo de globalização o capitalismo neoliberal se impõem como modelo econômico, político e cultural, convertendo o mundo em um grande mercado onde impera a lei do lucro.

O marco econômico em que atualmente nos movemos é um espaço mercantil-global. A economia de mercado nos converteu, entrados no novo século, numa *sociedade de mercado*. Nela, "a sociedade é um apoio do mercado. Em vez de que a economia seja pautada pelas relações sociais, são elas que se vêem encerradas no interior do sistema econômico" (Karl Polanyi). A impressionante volatilidade do mercado global ignora as fronteiras e limita as forças dos Estados e produz uma crescente erosão da soberania nacional, sobre tudo no terreno

econômico. Os governos estão perdendo a capacidade de regular suas próprias economias e se sentem vigiados pelo *gran hermano* do século XXI, o mercado. Estamos passando a um capitalismo liberal globalizado, onde as normas são impostas pelas transnacionais, o mercado financeiro e organizações como a OMC, o FMI e o G-7. Estes organismos, respaldados pelas oligarquias dos países capitalistas mais importantes adquiriram mais poder que a própria ONU.

O Luxo pulula junto à miséria (GS 63, 3)

O diagnóstico da *Gaudium et spes* já tem 40 anos, mas continua escandalosamente atual. Sem surpresas, pois a desigualdade faz parte do sistema capitalista. A globalização neoliberal não reduziu as desigualdades e a pobreza nas últimas décadas. A distribuição das receitas individuais melhorou levemente, graças ao crescimento econômico da China e Índia, mas a repartição da riqueza mundial piorou e os índices de pobreza se mantiveram sem mudanças entre 1980 e 2000¹. 2% dos adultos do planeta detêm mais da metade da riqueza mundial, incluindo propriedades e ativos financeiros. Apesar da renda global estar distribuída de forma desigual, a distribuição

da riqueza é ainda mais escandalosa. Os 50% mais pobres possuem 1%. De um grupo de dez pessoas, uma teria 99 dólares e as demais, apenas 1 dólar. A riqueza está fortemente concentrada na América do Norte, na Europa e nos países ricos da Ásia e do Pacífico. Os habitantes desses países detêm juntos quase 90% do total da riqueza do planeta². São estes que detêm o poder de decisão na ONU, no FMI, na OMC. Uma elite cada vez mais rica e poderosa: “cada dia se aprofunda mais a oposição entre as nações economicamente desenvolvidas e as restantes...” (GS 63,4). No interior deste processo, o neoliberalismo é a última estratégia econômica, política, cultural e ideológica de subordinação dos povos e dos recursos naturais às necessidades e projetos dos detentores do poder global. Desde o ponto de vista da fé, um

mecanismo perverso que provoca e sustenta uma situação de pecado, denunciavam os bispos em Puebla (n. 1135), João Paulo II em 1987 (SRS, n. 36) e a Conferência de Santo Domingo em 1992 (n. 179).

A grande transformação socioeconômica que estamos vivendo se caracteriza também por um novo regime mundial de acumulação financeira. Os fluxos especulativo-financeiros têm propiciado uma ativa concentração de capital de tal sorte

que existem numerosas empresas cujo volume de operações é maior que o produto interno

A impressionante volatilidade do mercado global ignora as fronteiras e limita as forças dos Estados e produz uma crescente erosão da soberania nacional, sobre tudo no terreno econômico.

¹ Cf. Jomo Sundaram (Secretário-geral adjunto da ONU para o Desenvolvimento Econômico), Jacques Baudot (economista), *Flat World, Big Gaps* (Um Mundo Plano, Grandes Desigualdades), 2007.

² Cf. ONU, Divulgado pelo Instituto Mundial de Pesquisa sobre Economia e Desenvolvimento, Helsinque, 05/12/2006.

bruto de muitos países³. São as transnacionais, as grandes protagonistas do atual processo de globalização. São elas a base de crescimento dos intercâmbios comerciais mundiais, o que leva a uma concentração da riqueza. Os intercâmbios entre as sedes e suas filiais ou entre filiais de uma mesma empresa representam ao redor de 1/3 de todo o comércio mundial⁴. O processo de concentração de empresas e bancos é uma das principais características do capitalismo contemporâneo. Em 2001, mais de 65 mil empresas transnacionais – a maior parte delas estadunidenses – controlavam 850 mil filiais e a atividade econômica do planeta, pois realizavam ao redor de 2/3 das transações do comércio mundial, apesar de empregar apenas 54 milhões de assalariados em todo o mundo⁵. Desde um ponto de vista teológico, é a cobiça levada ao mais alto grau de idolatria (Cl 3, 5; Ef 5, 5).

Pobres: os últimos para o processo de globalização

A América Latina e o Caribe estão inseridos e submetidos a este modelo de mercado capita-

A grande transformação socioeconômica que estamos vivendo se caracteriza também por um novo regime mundial de acumulação financeira.

lista global. Não têm voz ativa no FMI, na ONU, na OMC, no G-7, na bolsa de Nova York. A implementação neoliberal do processo de globalização baseado nas novas tecnologias, na reestruturação da produção e na inversão financeira está produzindo conseqüências dramáticas para mai-

oria da sua população. Em 2005, 39,8%, ou 210 milhões de latino-americanos se encontravam em situação de pobreza, e a indigência (extrema pobreza) atingia mais de 80 milhões de pessoas (15,4%)⁶. Números com rosto indígena, sem-terra, trabalhador rural, assalariado desempregado, ancião, mulher, criança...

A luta por melhores condições de vida e dignidade é um fantasma assustador e põem em risco a vida de milhões de seres humanos. O trabalho, mais especificamente, o trabalho assalariado, é ainda uma das formas honestas de se garantir o acesso aos direitos humanos fundamentais (alimento, abrigo, saúde, educação). Por isso, para João Paulo II (*Laborem exercens*) e para a Conf. Episcopal de Santo Domingo o mundo do trabalho foi considerado uma valiosa chave de leitura para compreender o drama social do povo latino-americano e caribenho (nn. 179, 182-185). A falta de

³ O volume de operações da Exxon-Mobil é superior ao PIB da Austria. As 100 maiores empresas do mundo vendem mais do que exporta qualquer dos 120 países mais pobres, em: I. Ramonet, *Globalización, desigualdades y resistencias*, en: M. Monereo, M. Riera (dirs.), *Porto Alegre, otro mundo es posible*, Barcelona, El Viejo Topo, 2001, 93.

⁴ Há 10 anos atrás o volume comercial no interior das próprias empresas já representava mais de 40% do comércio total dos países da OCDE. Cf. G. De la Dehesa, *Comprender la globalización*, Madrid, Alianza, 2004, 115.

⁵ CNUCED, en: *Agentes de la economía mundial ¿Quiénes mueven el mundo?*, Paris, Larousse, 2004, 13. Das 50 primeiras transnacionais, 33 eram estadunidenses, 5 britânicas, 3 japonesas, 2 alemãs e 1 francesa (cifras de 1999).

⁶ Cf. CEPAL, *Panorama Social da América Latina 2006*.

emprego é um problema que afeta aos trabalhadores de todo o mundo. A leve tendência de queda do desemprego em âmbito mundial é interrompida em 2005, ano em que a taxa volta a subir ao mesmo nível de 2003, superando os 191,8 milhões de pessoas, representando um aumento de 2,2 milhões de desempregados no mundo⁷.

O crescimento da economia mundial melhorou muito pouco a renda da maior parte da população. Dos mais de 500 milhões de trabalhadores extremamente pobres que havia no mundo no início de 2005, apenas 14,5 milhões tinham conseguido superar a condição no final do ano⁸. Na América Latina, entre os anos 1999 e 2003 o número de trabalhadores que viviam com apenas US\$ 1 por dia aumentou em 4 milhões. A liberalização do mercado e a competitividade global tão pouco se traduzem em geração de empregos suficientes e de qualidade. O contraste é evidente: Em 2004, por exemplo, a taxa de crescimento econômico foi de 5%⁹, mas, houve um escasso aumento do número de postos de trabalho criados no mundo, 47,7 milhões, ou 1,7%.

Na América Latina existem 23 milhões de pessoas em condição de desemprego aberto e

103 milhões que trabalham na informalidade, com o qual o déficit de emprego formal afeta a 126 milhões de pessoas, ou seja, mais da metade (53%) da população economicamente ativa¹⁰. No caso brasileiro, desde o início do período neoliberal (a partir de 1989) o número de desempregados passou de 1,8 milhões a 7,6 milhões de pessoas¹¹. Entre 1996 e 2001, a porcentagem de brasileiros com mais de 16 anos que se declararam sem trabalho e buscando emprego saltou de 4% a 11%¹². O desemprego, no campo e na cidade, é o fator mais importante de fabricação capitalista da pobreza, mina o sindicalismo, desestrutura as classes populares e se impõem como fator principal de exclusão social: inimigo principal da família latino-americana e caribenha.

Segundo o mercado liberal, os direitos trabalhistas são os responsáveis pelo desemprego. Logo, a solução está na flexibilização das leis trabalhistas, na contratação temporal e na precariedade. Resultado: quase a metade dos trabalhadores latino-americanos trabalham em empregos precários¹³. Um estudo da Universidade Federal do Rio de Janeiro constatou que o trabalho informal atinge 38,1 milhões de brasileiros, representando 58,1% dos ocupados e que

⁷ Organização Internacional do Trabalho (OIT), *Tendencias Mundiales de Empleo 2006*, Ginebra, Brief, 2006. Itália, por exemplo, terminou o ano de 2005 com 102.000 empregos a menos (*El País*, 02-03-2006).

⁸ A OIT considera trabalhadores extremamente pobres aqueles que ganham o equivalente a US\$ 1 por dia (70 Reais por mês). Do total de 2,8 bilhões de trabalhadores no mundo, metade ganha menos que US\$ 2d por dia.

⁹ O Informe da OIT de 2005 também confirma: o PIB mundial de 4,5% de 2005 não significou diminuição do desemprego.

¹⁰ OIT, *Trabajo decente en las Américas: una agenda hemisférica, 2006-2015* (Informe del director general), Decimosexta Cumbre Regional Americana, Brasília, mayo 2006. site oficial: <http://www.oitamericas.org> (09-05-2006). O déficit de trabalho formal poderia chegar a 158 milhões de pessoas em 2015 se não se adotam medidas eficientes de geração de melhores empregos.

¹¹ *Ib.*, 72.

¹² Instituto DATAFOLHA, (*Folha de São Paulo* – Caderno Trabalho, 24-03-2002).

¹³ CEPAL, *Panorama Social de América Latina – 1997*, Ed. Naciones Unidas, 1998, 200.

61% dos trabalhadores da construção civil por exemplo, sequer são registrados. Não estranha que apenas 35% da população brasileira economicamente ativa conte com algum tipo de proteção social¹⁴. Existe ainda outra modalidade de exploração do trabalhador: o trabalho escravo, a forma mais extrema de exploração humana depois do assassinato. Mais de 12,3 milhões de pessoas no mundo estão submetidos à esta forma de exploração. Mais de 2,4 milhões são também vítimas do tráfico de seres humanos. Na América Latina existem 1,3 milhões de trabalhadores em regime de escravidão¹⁵. Um último dado a respeito dos trabalhadores: 175 milhões de cidadãos vivem fora de seu país de origem¹⁶. A intensificação do fluxo migratório dos anos noventa resultou na imigração de 20 milhões de latino-americanos. Destes, uns 15 milhões vivem nos Estados Unidos¹⁷. Já em Santo Domingo se alertava para este forte incremento da imigração aos países ricos do Norte (n. 187).

O final deste sucinto recorrido nos aponta uma evidência: o capitalismo sempre produziu muitos pobres e poucos ricos. Mas, na situação atual, além de aprofundar o abismo já existente entre ambos, a diferença está em que se abriram novas desigualdades. Os

Existe ainda outra modalidade de exploração do trabalhador: o trabalho escravo, a forma mais extrema de exploração humana depois do assassinato. Mais de 12,3 milhões de pessoas no mundo estão submetidos à esta forma de exploração.

contrastes entre pólos de desenvolvimento e zonas de exclusão e de miséria são hoje todavia mais chocantes que no passado. Assistimos a uma elite triunfante, composta por grandes executivos das transnacionais, banqueiros, empresários, especuladores, jogadores privilegiados do cassino global das bolsas de valores e fundos de pensão, que monopolizam os MGS, que consomem e circulam nas grandes redes de alta velocidade favorecida pela mais avançada tecnologia. São os ganhadores da globalização, os proprietários de um capital que se move globalmente. Seus ingressos não pa-

ram de crescer, e partem, cheios de cobiça, a conquista do espaço global, para submetê-lo a seus fins econômicos (U. Beck).

Ao mesmo tempo mais seres humanos são empurrados para a margem e se submetem à vulnerabilidade social a um número cada vez maior de zonas regionais e territoriais convertidas em zonas de sombra da nova cidadania do capitalismo global. Existem regiões que ganham e regiões que perdem, regiões que estão adquirindo uma cidadania privada em nível mundial, e outras, grandes franjas da humanidade deixadas à margem e sem nenhuma esperança, porque já não são necessários. Os "inúteis para o mundo que vivem

¹⁴ Cf. Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas (IPEA) publicada em: *Folha de São Paulo*, 01/06/2006.

¹⁵ OIT, *Una alianza global contra el trabajo forzoso*, Ginebra, Brief, 2005.

¹⁶ *World Economic and Survey 2004*. em internet: <http://www.un.org/esa/analysis/wess/> (19-01-2006).

¹⁷ CEPAL, *Panorama Social de América Latina 2004*.

nele, mas não lhe pertencem realmente. Ocupam uma posição de supernumerários, flutuam em uma espécie de terra de ninguém social”¹⁸. Ser excluído do processo de exploração do trabalho no capitalismo atual deixou de ser um privilégio e se converteu em um fator de inserção na condição de pobreza ainda maior que os incluídos na mão-de-obra explorada. São imigrantes, desempregados, precários, e todos os impedidos de alcançar uma condição que os inclua no mercado consumidor. É a conhecida teoria social do 20/80 levada à últimas consequências: “Em finais dos anos noventa, somente 1/5 de toda população brasileira tinha garantida sua inclusão sócio-econômica, apenas 20% dos brasileiros tinha acesso aos benefícios do atual modelo econômico”¹⁹. As portas que se fecham no mercado de trabalho geram os novos pobres que vão somar-se aos já condenados à pobreza.

A constituição desta divisão social global nos faz ver que o problema de conjunto que nos apresenta o atual processo de globalização é mais grave do que poderíamos imaginar, porque nos situa no coração da estrutura social de nossas sociedades.

Os pobres: primeiros destinatários do Evangelho

Não falar dos pobres neste contexto é dar as costas para 80% da humanidade. Como cristãos, se não falássemos dos pobres num mundo como este, estaríamos viciando qualquer discurso sobre o Deus de Jesus, despojaríamos

a Vida Religiosa de credibilidade e converteríamos a espiritualidade cristã em espiritualismo e converteríamos a Igreja numa instituição sem espírito. Mas, felizmente, até o momento, o juízo da Igreja sobre a conjuntura social tem sido duro. Medellín falava de um surdo clamor por libertação que vinha de milhões de seres humanos (2). Puebla constatava que este clamor havia-se tomado cada vez mais claro, impetuoso e ameaçante (89). Que vivemos uma realidade de desumana pobreza, escândalo e insulto, de flagelo e pecado social (28, 29), uma situação de pecado (328, 1.269; 1305) onde a injustiça está institucionalizada (46) que gera constantes violações da dignidade humana (41). Santo Domingo avaliava como uma conjuntura “em que estão sumidos milhões de irmãos nossos, vivendo sob intoleráveis extremos de miséria, é o mais devastador e humilhante flagelo que vive América Latina e Caribe... vítimas da política de corte neoliberal” (179).

A Igreja entende que para o cristianismo, o problema dos pobres não é somente um problema da humanidade, mas que tem tudo a ver com Deus. E se é um problema de Deus, é um problema da Igreja, porque nos pobres está em jogo a causa do Deus revelado em Jesus na história: *Eu e o Pai somos Um* (Jo 10, 30)... e tudo o que fizestes a um destes pequenos, a mim o fizestes (Mt 25,31-46). Neste sentido, Medellín-Puebla resgataram os marcos que colocam os pobres no centro do discurso eclesial: Porque o compromisso evangélico da Igreja... deve ser como o de Jesus Cristo: um compromisso com os mais necessitados (Puebla, 114). E a

¹⁸ R. Castel, *Metamorfosis de la cuestión social: una crónica del salariado*, Barcelona, Paidós, 1997, 416. Z. Bauman denomina a esses inúteis para o mundo como *populações supérfluas*, em: Z. Bauman, *Vidas desperdiçadas: la modernidad y sus parias*, Barcelona, Paidós, 2005.

¹⁹ M. Pochmann, *A década dos mitos. O novo modelo econômico e a crise do trabalho no Brasil*, São Paulo, Contexto, 2001, 172.

Igreja se realiza mediante fidelidade ao seguimento de Jesus cuja medida privilegiada é o serviço aos pobres (Puebla 1.145). A a razão última da opção pelos pobres está em que Deus toma sua defesa e os ama (Puebla 1.142). Motivações evidentemente aprofundadas por teólogos da Igreja como I. Ellacuría²⁰: Porque os pobres são lugar teológico, lugar onde o Deus de Jesus se manifesta de modo especial, em primeiro lugar como Deus impotente, débil, negado e crucificado; porque o Deus do reino faz do direito e da causa do pobre seu próprio direito e causa; porque os pobres são o lugar teológico mais apto para a vivência da fé em Jesus e para a correspondente práxis do seguimento; porque a existência massiva de tantos pobres é contrária à vontade de Deus Pai-misericordioso que ama a todos seus filhos. Porque os pobres, com sua presença dolorosa e crucificada são sacramento e presença de Deus crucificado e sofredor. Porque são o sinal mais visível de que o reino de Deus ainda não está entre nós. Porque a morte injusta do pobre é negação rotunda do projeto de vida em abundância oferecido por Deus a todos. Entretanto, dizer que a opção pelos pobres tem uma fundamentação cristológica e teológica não impede afirmar ao mesmo tempo que ela vem exigida pela realidade escandalosa dos desequilíbrios econômicos na América Latina (Puebla, 1.154).

**A Igreja entende
que para o
cristianismo,
o problema dos pobres
não é somente um
problema da
humanidade, mas que
tem tudo a ver
com Deus.**

O Deus que intervém salvificamente na história em defesa da justiça e do direito dos indefesos, em uma sociedade como a nossa, tem que adquirir o perfil de um Deus da vida. Os cristãos estão vinculados essencialmente à luta pela vida. O Deus que ressuscitou o crucificado é um Deus da vida para todos os que hoje continuam sendo crucificados na história. Na América Latina, o que mais radicalmente se opõem ao Deus da vida não é propriamente o ateísmo²¹, mas a idolatria e o culto aos deuses geradores de sofrimento e morte, principalmente a absolutização da riqueza material e do poder que ela exige. Lutar para que todos tenham vida implica rechaçar os sistemas cultuadores deste *Moloch* do século XXI e seus mecanismos perversos. É estar disposto a viver coerentemente o discipulado de Jesus, é a maior

prova de amor-*agape*, é adorar a Deus em espírito e verdade, é o verdadeiro jejum e sacrifício de que fala Isaías. Além do mais, esta correlação entre Deus e vida, que pertence ao mais profundo da revelação bíblica, e concretada em Jesus Cristo, nos exige uma tomada de decisão: estar a favor da vida ou pactuar com o sistema de morte.

Limitar-se-ia o Evangelho a pedir a aplicação do remédio assistencialista que não passa de um paliativo ineficiente diante da estrutura dominante? Como vamos nos

²⁰ Cf. I. Ellacuría, *Pobres*, em: C. Floristán, J. J. Tamayo (eds.), *Conceptos fundamentales de pastoral*, Madrid, 1983, 786-802.

²¹ Segundo o Documento de preparação à V Conferência do CELAM, quase 90% dos latino-americanos crêem em Deus.

posicionar?²² Os pobres não só carecem de bens materiais, mas também, no plano da dignidade humana, carecem de uma plena participação social e política. Nesta categoria se encontram, principalmente, os indígenas, os trabalhadores rurais, as mulheres, os negros, os assalariados urbanos em geral e os excluídos do mercado de trabalho. Mas sem uma leitura política da realidade é impossível uma aproximação coerente com o mundo dos pobres, pois o que outorga profunda significação política aos pobres é seu caráter de *sujeitos com força histórica para decidir os rumos da sociedade* (G. Gutiérrez) e isso implica muito mais do que assistencialismo. Os pobres tem potencial evangelizador, já dizia Puebla (1.147) e são os portadores da boa nova. Isso é mais difícil de aceitar quando se investe justamente na influência e no poder dos ricos como agentes ativos da evangelização.

Não permitir que a mecha se apague

Existe esperança para a América Latina e Caribe, mas esta não passa pelas suas elites.

Os pobres não só carecem de bens materiais, mas também, no plano da dignidade humana, carecem de uma plena participação social e política.

Assistimos ao retorno dos movimentos e organizações populares, nas urnas e nas ruas, que estão desenvolvendo uma consciência política e cidadã de resistência ao *tsunami* neoliberal, especialmente os povos indígenas. Mais uma vez se está comprovando que os construtores ativos da nova sociedade são os pobres, palavras da própria ONU!: “a irrupção dos povos indígenas nas duas últimas décadas do século XX está modificando profundamente a configuração sócio-política na América Latina. A inter-

venção dos movimentos indígenas como atores políticos é um dos fenômenos mais notáveis ocorridos na região e no mundo, e está gerando prolongados efeitos nas democracias destes países. Os povos indígenas conseguiram colocar no centro do debate público suas reivindicações de reconhecimento como povos e estão exigindo novos estatutos

que garantam sua existência e seus direitos²³. Não se trata apenas de um problema de justiça social e de desenvolvimento equitativo, mas também de soberania nacional e de libertação da ditadura do paradigma hegemônico neoliberal gerador de exclusão e morte²⁴. Ernest Bloch dizia que “devemos escutar com sentido quase musical o movimento da realidade e per-

²² Bento XVI, neste sentido, é categórico: o sistema econômico mundial deve ser modificado radicalmente se o mundo tem intenção de reduzir a pobreza (Mensagem dominical do *Angelus*, 12/11/2006). Também João Paulo II, em várias ocasiões, exortava à construção de uma nova ordem mundial.

²³ Cf. CEPAL, *Panorama Social de América Latina 2006*.

²⁴ A mortalidade infantil entre os indígenas é 60% maior que a dos não-indígenas (CEPAL, *ib.*), e segundo o Banco Mundial, mais de 80% dos povos indígenas da América Latina continua vivendo na pobreza mais cruel, em: *Oportunidades econômicas para os povos da América Latina*, divulgado em 27/02/2007 (www.bancomundial.org/indigenas/noticias).

guntar em qual direção toca a melodia". Escutemos então.

Uma vez mais os pobres nos devolvem a esperança e nos comprometem com a concretização de suas utopias. Por primeira vez em muitos anos vemos o poder industrial-militar hegemônico ser desafiado por aqueles que ele considera como seu quintal traseiro. Assistimos ao retorno das grandes questões sociais ocupando o centro do debate político (que as elites desprezam taxando de populismo). A esperança continua se fazendo presente na história e tem rosto indígena e camponês. Existe esperança onde se forçam os limites de um presente amargo para tantos filhos queridos do Deus da vida. Na esperança das vítimas do fracasso do capitalismo estão ressurgindo as mechas que dinamizam as possibilidades do novo.

Assim é a esperança, habituada a empenhar-se, uma e outra vez, frente aos absolutismos. É este princípio vital que nos mantém abertos ao futuro. E, para os cristãos, não se trata de um futuro qualquer. A esperança cristã tem a Jesus Cristo como referência. O "esperar cristão" é do jeito de Jesus. Nossa esperança é a de um crucificado que fez da esperança dos pobres a esperança de Deus. Ou seja, uma esperança que nasce da esperança dos desesperados e pela esperança dos que tentam criar esperanças para eles. Jesus fez da esperança dos pobres, expressada no Cântico de Maria (Lc 1,51-53) o centro das suas promessas e nos ensinou que a esperança nos é dada somente pelos que não a têm, pois ela se afirma aí onde justamente ronda o fracasso, a fome, a dor, o desprezo e a humilhação (Lc 6,20-26).

**Ernest Bloch dizia que
"devemos escutar com
sentido quase musical o
movimento da realidade
e perguntar em qual
direção toca a melodia".
Escutemos então.**

Mas, sem encarnações históricas, a esperança se converte em ídolo. Não sem razão a esperança deve traduzir-se em política. Por isso a opção pelos pobres conduz necessariamente à busca de um sistema alternativo de sociedade. A fé cristã pode inspirar-nos neste descenso ao campo das mediações concretas. Sem medo, pois omitir-se na tarefa de colaborar na construção de uma outra sociedade possível significa afirmar o "status quo". É preferível equivocar-se a favor dos pobres do que omitir-se da história e abandoná-los à própria sorte.

Cabe perguntar: qual poderia ser a originalidade histórica de Aparecida? O que significa ser cristão em América Latina e Caribe hoje? É

muito diferente de 1968 ou 1979? A excepcional importância de Medellín está relacionada ao fato de haver sido celebrada desde a perspectiva do pobre. Em Medellín a Igreja latino-americana percebeu com realismo o mundo em que se encontrava e olhou para si mesma com maior lucidez. Em Puebla a Igreja confirmou

Medellín e avançou na mudança de lugar social e na redefinição da missão e de sua presença na sociedade: toda a Igreja está chamada a ser sujeito da opção pelos pobres. Puebla não é um princípio e nem um fim; como não foi Medellín; ambas constituem um marco na caminhada histórica do povo de Deus na América Latina" (G. Gutiérrez).

A injustiça social e a desigualdade econômica são os problemas mais sérios da atualidade. E a imensa maioria do povo está contada entre os perdedores do processo de globalização capitalista. Para estes milhões a justiça e dignidade humana não são apenas um anseio entre outros. Como seguidores de Jesus, não

podemos mais que nos sentir convocados a renovar com ainda maior determinação o compromisso com os pobres e os perdedores deste mundo global. Também hoje a opção pelos pobres se apresenta como condição de possibilidade para que a vida cristã seja coerente com a mensagem que anuncia e seja servidora da esperança dos pobres: *Não permitimos que se quebre a cana rachada e nem que se apague a mecha que ainda fumege... até que seja estabelecida a verdadeira justiça sobre a terra* (Is 42, 2.4= Mt 12, 18-21). Que a vida da Igreja continue a serviço da vida e da esperança, e que a

V Conferência contribua na realização do acontecimento Medellín-Puebla. Só assim o Evangelho será Boa Notícia para os pobres.

Madrid, março de 2007.

Élio Estanislau Gasda. O autor é Bacharel em Filosofia. Tem mestrado em Teologia e é doutorando em Teologia na Pontifícia Universidade Comillas de Madrid.

Endereço do autor:

Calle Universidad Comillas, 7
28049 - Madrid - España.
E-mail: gasdasj@hotmail.com

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1 - Porque o sistema neoliberal pode ser considerado a causa principal da crescente desigualdade entre pobres e ricos, no mundo de hoje?
- 2 - Como a Vida Religiosa pode ajudar a abrir perspectivas de superação desta situação de crescente desigualdade social?
- 3 - No seu contexto, que pode ser feito para renovar com maior determinação o compromisso com os perdedores do mundo globalizado?

Introdução

Vivemos hoje em uma sociedade marcada pelo processo de globalização, cuja lógica neoliberal pauta-se pela concorrência, capacidade competitiva, consumo, lucro e sucesso. Somos cada vez mais instigados a considerar o econômico como normativo para a política, a sociedade, a cultura, a ética e até para a religião. Fala-se do consumismo religioso e de religião de mercado. Impõem-se padrões físicos, de beleza, de eficiência, de sucesso etc. No entanto, continuamos sendo os mesmos seres humanos fragilizados, vulneráveis, atormentados pela dor, pelo sofrimento e pelo mal. Escondemos nossas limitações humanas, nossas carências, nossa falta e nosso vazio. Não somos seres plenos, acabados, perfeitos enquanto peregrinarmos neste mundo também imperfeito, histórico, em movimento contínuo.

O nosso desejo no seu afã de onipotência conflita constantemente quando o "princípio do desejo" se depara com o "princípio da realidade" (Freud). Insatisfação, frustração, desejos e sonhos não realizados são dificilmente integrados por nós. A nostalgia do "paraíso perdido" das origens

**O nosso desejo
no seu afã de
onipotência conflita
constantemente
quando o
"princípio do desejo"
se depara com o
"princípio da realidade"
(Freud).**

continua como um sonho e uma fascinação por realizar o paraíso terrestre.

Neste cenário, a fé cristã aponta para um paradoxo: um Deus feito homem, o Pleno que se esvazia, o máximo do sofrimento como o máximo da realização, o fracasso como vitória. Se Cristo nos precedeu para que pudéssemos seguir os seus passos, falar do seu esvaziamento/despojamento (Kénose)¹ e do seu fracasso deve oferecer pistas para caminhar melhor como seus discípulos.

1. A compreensão de Kénose

Quando falamos da *Kénose* como despojamento e esvaziamento de Cristo estamos nos referindo aos seus atributos e não à sua condição divina. O Verbo, considerado perfeito, absoluto, ilimitado e infinito em sua preexistência divina, ao encarnar-se assume a finitude, a limitação humana, as nossas imperfeições e torna-se relativo dentro da história. Trata-se da assunção da nossa existência "segundo a carne", marcada pela fragilidade, excetuando o pecado. Se o fundamental da revelação de Jesus

¹ A reflexão que segue se baseia no tópico trabalhado em minha tese de doutorado. Cf. PAULO ROBERTO GOMES, *O Deus Impotente. O sofrimento e o mal em confronto com a cruz*, UFF, Niterói, 2005, p. 246-248.

Cristo se encontra na Sua relação com o Pai e o Reino, entendida como proximidade de nossa humanidade para nos salvar, devemos entender a *Kénose* divina como o máximo do Seu amor nessa aproximação.

A *Kénose*, enquanto despojamento e esvaziamento dos atributos divinos, nos revela Deus feito homem, marcado pelos conflitos históricos, pelas tramas do poder e sujeito à dor, ao sofrimento e à morte. Este confronto com Jesus de Nazaré, confessado como “verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus” pede-nos uma outra compreensão do Seu poder. Não mais um poder mágico que pode fazer tudo, abstrato ou numa concepção humana de força, autoritarismo, coerção e repressão, mas de uma outra natureza. Trata-se do poder do serviço, do testemunho, da misericórdia, da Palavra e do Amor tremendamente potente para quem o acolhe, mas tremendamente frágil diante da recusa humana. A morte de Cristo na cruz leva-nos a perceber um Deus que jamais se impõe, coage, reprime o ser humano, ao mesmo tempo em que nos leva a contemplar um Deus “impotente” frente à nossa concepção tão humana do poder.

2. A *Kénose* como o máximo esvaziamento e a máxima realização

O máximo do esvaziamento do Cristo na cruz é o máximo da Sua realização amorosa pela humanidade e pela fidelidade ao Pai. O máxi-

mo de sua “impotência” na ótica humana é o máximo da Onipotência na ótica de Deus, enquanto nada é obstáculo para o Seu amor por nós. A *Kénose* que se expressa no fato do Verbo assumir a nossa vida, em Se tornar frágil, vulnerável e impotente como nós, dentro desta realidade de contradições, mostra o imenso poder do amor de Deus.

O “existir para” de Jesus recapitula o seu “morrer para”. Aquele que se entregou por serviço, por fidelidade e amor é entregue por uma

quantia de dinheiro. No momento de sua máxima solidariedade conosco, ao assumir as contradições da vida humana, os discípulos lhe negam toda solidariedade. Jesus morre esmagado pelo sofrimento, como consequência de Sua missão. O grito e a morte na cruz mostram Jesus conhecendo a fraqueza de todo ser humano esgotado, a fragilidade, a impotência e a vulnerabilidade diante do mal imposto. Jesus rejeita o uso da

força (Cf. Mt 26,51-53) e o Pai não interfere de forma mágica, condenando os verdugos. Contudo, esta morte revela o ponto alto da *Kénose* e do poder de Deus. Que tipo de poder é este presente na Impotência do Filho? Trata-se do poder que converte os corações. Diante do grito de Jesus pelo Pai, o centurião romano exclama: “Verdadeiramente este homem era o Filho de Deus” (Mc 15,39). Um pagão, representante de todas as nações, torna-se o modelo do discípulo junto às mulheres que permanecem fiéis. O poder da *Kénose* é o poder que converte o ladrão ao ouvir dos lábios de Jesus: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem” (Lc 23,34).

**O grito e a morte
na cruz mostram
Jesus conhecendo
a fraqueza
de todo ser humano
esgotado, a fragilidade,
a impotência
e a vulnerabilidade
diante do mal
imposto.**

3. A Kénose como deconstrução de uma certa imagem de Deus

A *Kénose* de Cristo não alimenta ilusões a respeito de um Deus mágico ou intervencionista, portador de um poder abstrato que resolve todos os nossos problemas, que cura todas as doenças e evita todos os sofrimentos. Remete-nos para o realismo do mal e da dor no mundo, para realidades destituídas de sentido, para o absurdo do pecado humano, matando inocentes, vitimando os pobres e os profetas. Na dor e no mal sempre existirá uma dose de irracionalidade. A *Kénose* de

Cristo manifesta uma ruptura na compreensão da imagem de Deus Senhor, Todo-poderoso, Legislador Supremo, para uma imagem do Deus Misericordioso e Amante cujo poder se encontra na debilidade da cruz, justificando gratuitamente, que não deseja a morte do pecador, senão que se converta e viva. Deus, em Jesus, põe-se de joelhos no lava-pés, na atitude de escravo e morre na cruz para vencer as resistências da humanidade em amar e se deixar amar.

Por que a salvação passa por essa morte sangrenta, pela dor e pelo sofrimento? Porque o poder do pecado é força de morte, de violência e de injustiça. Porque o ser humano é frágil, vulnerável e impotente. O que o pecado fez a Cristo faz a todos os homens e mulheres na história. O que não foi poupado a Cristo

em sua condição kenótica assumida, não nos é poupado.

Não se trata de que a execução de um condenado tenha valor salvífico, nem a intensidade de seus sofrimentos, mas o salvífico se encontra na radicalidade de Seu amor ao Pai e à

humanidade. A fé cristã não nega a dor, não se resigna, como o masoquismo, mas acolhe no que tem de irremediável, combate-a e tenta lhe dar sentido positivo à luz de Cristo. O sofrimento, antes de ser mistério, algo inesgotável e imanipulável em sua compreensão, apresenta-se como um escândalo opaco. O sofrimento é uma pergunta à nossa liberdade, através da qual temos que tomar uma posição para o bem, ou para o mal, para lhe dar sentido, ou não. Po-

demos lhe dar sentido educativo e salvífico, ou só tolerá-lo, suportá-lo e resistir a ele.

O sofrimento é uma pergunta à nossa liberdade, através da qual temos que tomar uma posição para o bem, ou para o mal, para lhe dar sentido, ou não. Podemos lhe dar sentido educativo e salvífico, ou só tolerá-lo, suportá-lo e resistir a ele.

4. A Kénose e sua relação com o fracasso

A cruz revela o horror do sofrimento do justo e do inocente, o sofrimento que brota da violência e do ódio, que desfigura e humilha. A cruz revela um Messias fracassado. Fracassar significa não alcançar a meta última que se tem. Nesse sentido, os profetas de Israel foram fracassados, uma vez que o povo não se converteu. Moisés foi um fracassado que não entrou na Terra Prometida e mesmo Deus fracassou, por não ter iniciado o Seu Reino, segundo a tradição judaica, com a Torah recebida no

Sinai. O dilúvio, mesmo como relato mítico, é o sinal do fracasso da raça humana que se defronta com a necessidade de recomeçar tudo de novo. Grandes homens e grandes mulheres são pessoas fracassadas, não pela incompetência – não podemos negar a contribuição que dão para a humanidade – mas porque suas metas são demasiadamente sublimes e inalcançáveis plenamente dentro da história. Suas metas excedem a capacidade de realização². Existe o fracassado pela incompetência e o fracassado julgado pela ótica do sucesso, do poder econômico, social, político e religioso.

Creemos num Deus fracassado. Fracassado quando olhamos pela nossa ótica demasiadamente humana. Por um lado, falamos do fracasso porque o ser humano, a história e o mundo têm suas limitações e os seus pecados. Nunca poderíamos realizar ou ver realizado plenamente o Reino de Deus dentro da realidade limitada. Por isso, falamos sempre do Reino presente como “sinal” ou “sementes” no “já” da história e no “ainda não” escatológico. Por outro lado, porque o fracasso de Cristo, apesar da limitação da realidade, é condição de possibilidade de continuarmos sua missão. Se Cristo, magicamente, superasse a limitação da realidade e realizasse tudo, não teria mais “lugar” e “espaço” para o ser humano continuar sua obra. É interessante perceber como os discípulos começam sua missão ao se darem conta na ascensão que Jesus terminou a Sua e que há muito ainda por ser feito. Portanto, o fracasso de Cristo é condição

de possibilidade de ocuparmos o nosso lugar na obra salvadora de Deus.

O fracasso do Messias como fracasso de Deus tem lugar na história limitada e imperfeita dos seres humanos como uma lacuna, uma falta, um vazio. Esta lacuna ou falta nos possibilita o empenho e a contribuição como discípulos na continuação da obra salvífica através do movimento de Cristo. Falar de fracasso não nega a palavra sobre a vitória. Em Deus, no ser humano e na história, há uma “coincidentia oppositorum” ou uma relação íntima entre aquilo que aparece como oposto. O fracassado é o vitorioso, o impotente é o Poderoso no amor radical, o amaldiçoado sobre o madeiro (Dt 21,23) é o sinal da grande bênção de Deus.

O fracassado é o vitorioso, o impotente é o Poderoso no amor radical, o amaldiçoado sobre o madeiro é o sinal da grande bênção de Deus.

A solidariedade de Cristo conosco faz com que Ele partilhe essa experiência de

desgraça e obscuridade, do sem sentido e do escândalo (Cf. Hb 2,18) convertendo o fracasso em amor, transfigurando a impotência e a fragilidade da morte de cruz na beleza da vitória.

Deus é Poderoso, mas é fraco; salva o justo, mas não coage a liberdade quando seres humanos optam pelo mal; é imortal, mas morre; faz-Se presente, mas aniquilado. O problema do mundo se encontra nesta dificuldade de reconhecer Deus onde nunca se esperaria encontrá-lo: não no justo que salva, mas no justo que é entregue; não no lugar que damos graças a Deus, mas onde nos perguntamos: onde estava Deus quando isso aconteceu?

² Cf. BEATRICE BRUTEAU (Org), **Jesus segundo o judaísmo**, Paulus, São Paulo, 2003, p.58-59.

5. No fracasso deixar a beleza falar

Encarcerados em nossa própria lógica, lendo a história sob nossa ótica humana e limitada, temos a dificuldade de perceber a beleza dentro do trágico e da dureza do cotidiano. No entanto, a beleza e a verdade se apresentam nos sentimentos, nos pensamentos, na inteligência e, sobretudo, na ação concretizada como amor. O Cristianismo constrói seus templos e seus altares no coração das pessoas para que os suspiros e orações dos seres humanos ao buscar Deus, cuja visão

é possibilitada pela contemplação, façam-lhes enxergá-lo através do símbolo, da poesia, do rito, da metáfora que alude ao Mistério e mesmo, das realidades ao contrário que nos fazem descobrir Deus.

A "lógica do coração" (Pascal) nos faz perceber que "cada onda do mar do tempo arrebenta na praia da eternidade" (Paul Althaus) e que cada gota de orvalho não contém o todo do oceano, mas o revela em sua particularidade. Este homem Jesus de Nazaré, confessado como o "Cristo, Filho de Deus", dentro da história particulariza-se e limita-se, não podendo realizar a plenitude no "já" caduco de nosso mundo, mas instaurando a percepção de que cada momento está grávido da revelação de Deus, de Suas promessas, da Sua Graça como ação contínua na vida de homens e mulheres. Deus permanece distante, não objetivável, não

O ser humano
continuará como esse
"ser ambíguo", como um
"ser contraditório" com
seus limites, lacunas,
carências e vazio.
Nunca conseguirá
realizar tudo proposto e
sonhado. Ora será,
infelizmente, o
fracassado pela
incompetência. Ora será
considerado fracassado
pela lógica tão humana
que não capta a
contribuição dada na
história e a sublimidade
de suas metas.

utilizável, não manipulável e não esgotável e ao mesmo tempo próximo, mais íntimo que o nosso próprio eu, sustentando-nos, movendo-nos, impulsionando-nos como o grande amigo e companheiro no palco da história. Não só distante e não só próximo, mas ambas as realidades sem simples oposição como aludimos acima.

Conclusão

O ser humano continuará como esse "ser ambíguo", como um "ser contraditório" com seus limites, lacunas, carências e vazio. Nunca conseguirá realizar tudo proposto e sonhado. Ora será, infelizmente, o fracassado

pela incompetência. Ora será considerado fracassado pela lógica tão humana que não capta a contribuição dada na história e a sublimidade de suas metas. Porém, sempre antecedido por alguém que revela que a fonte, a raiz e o fundamento de nossa vida encontram-se só em Deus. Não somos isentados de nossa responsabilidade e da contribuição histórica que temos que dar, mas caminhamos com a consciência humilde de que nunca é possível realizar tudo. O nosso fracasso enquanto falta, vazio, não realização do tudo de nossa missão é a condição de possibilidade para que outros continuem-na.

O Cristo fracassado conclama os "fracassados do mundo" e os não fracassados à solidariedade. Ante o fracasso, Ele nos pede a atitude de desafio, a mobilização de nossas forças físicas e psíquicas como chance de conversão e novo começo, como terreno para novas

experiências. O fracasso é oportunidade de transformação, aprendizagem, possibilidade de se viver mais humanamente³. cremos num Deus fracassado presente em tantos irmãos descartados pela lógica do mercado, não reconhecidos pelos esquemas do sucesso neoliberal, mas como fonte de revelação, apelo e força para sinalizar o mundo novo.

Paulo Roberto Gomes, MSC. Doutor em Teologia pela PUC-RJ. Diretor do Inst. Tomas de Aquino (ISTA) Belo Horizonte. Professor de Teologia no ISTA e na FAJE.

Endereço do autor:

Av. Rio Verde, 506/302
Parque Riacho das Pedras
32280-090 CONTAGEM - MG

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1 - Qual é para você o alcance espiritual da afirmação "cremos em um Deus fracassado"?
- 2 - Porque a kénose de Cristo pode ser entendida como o máximo esvaziamento e a máxima realização?
- 3 - Que podemos fazer como comunidade para crescer na solidariedade com tantos irmãos e irmãs descartados pela lógica do sistema neoliberal?

³ Cf. NORBERT GREINACHER, *Ambivalência do fracasso - ambivalência do homem*, in: *Concilium* 231 (1990/5), p. 14-15.



Quadro Programático da CRB 2004-2007

HORIZONTES

1. Uma espiritualidade evangélica que potencialize para o testemunho da partilha, para a profecia e anúncio missionário, e para acolher as mudanças necessárias, frente aos novos tempos.
2. Vida Consagrada como sinal do Reino de Deus na opção preferencial, audaciosa, solidária e transformadora pelos empobrecidos e excluídos.
3. Afirmação da identidade da Vida Consagrada no seu compromisso e missão com a causa da justiça, da paz, da reconciliação, sendo esperança para a vida do mundo, no seguimento de Jesus.
4. Vida Consagrada como espaço de novas relações, particularmente de gênero, de etnias, de gerações e ecológicas.

PRIORIDADES

1. Avançar na construção de alianças intercongregacionais na formação, missão, projetos comuns, e em parcerias com organizações afins.
2. Dinamizar o processo formativo para ser presença profética e testemunho de esperança diante dos desafios da realidade de hoje.
3. Assumir as interpelações das novas gerações em seus dinamismos, exigências e potencialidades.
4. Incentivar a vida fraterna e sororal em comunidade como espaço de testemunho evangélico, na interculturalidade.
5. Cultivar uma mística enraizada na Palavra de Deus como fonte de coragem para responder aos desafios atuais.
6. Resgatar de forma criativa a inserção em meios populares, bem como a missionariedade em regiões carentes, no mundo urbano, *ad gentes* e em realidades emergentes.

REALCES

1. Potencializar uma formação humanizante com particular atenção aos desafios atuais e questões de identidade, liderança, poder e relações na Vida Consagrada.
2. Fomentar uma economia solidária e partilha de recursos humanos e materiais, em vista de um testemunho mais efetivo.
3. Buscar a comunhão com a CNBB, a integração com a CLAR e o diálogo com as novas formas de Vida Consagrada.
4. Cultivar a consciência crítica e o discernimento evangélico que tornem a Vida Consagrada capaz de posicionar-se com determinação diante das situações de injustiça na sociedade.
5. Dar prosseguimento ao processo de sensibilização da Vida Consagrada para questões emergentes, de modo particular vindas da juventude e as novas formas de animação vocacional.
6. Ajudar as congregações e institutos em suas análises institucionais, em vista da refundação.